

Cap QOPM LÚCIO FORTES MOREIRA FILHO

**A INFLUÊNCIA DOS CULTOS CRISTÃOS E AFRO-
BRASILEIROS NA CONDUTA DOS POLICIAIS-
MILITARES DAS UNIDADES DO CPC**

Monografia apresentada ao Departamento de Contabilidade do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Planejamento e Controle em Segurança Pública.

Orientador metodológico:
Prof. Márcio Sérgio B. S. de Oliveira

Orientador de conteúdo:
Ten-Cel QOPM Celso José Melo

**CURITIBA
2004**

TERMO DE APROVAÇÃO

Cap QOPM LÚCIO FORTES MOREIRA FILHO

A INFLUÊNCIA DOS CULTOS CRISTÃOS E AFRO-BRASILEIROS NA CONDUTA DOS POLICIAIS-MILITARES DAS UNIDADES DO CPC

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista no Curso de Planejamento e Controle da Segurança Pública, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, pelos seguintes avaliadores:

Avaliador de Conteúdo: Ten-Cel QOPM Celso José Melo
PMPR

Avaliador Metodológico: Prof. Dr. Márcio Sérgio B. S. de Oliveira
Departamento de Ciências Sociais, UFPR

Avaliador de Redação: Daniel Cezar Maingué, Cel PM RR
PMPR

Curitiba, _____ de Novembro de 2004

DEDICATÓRIA

À minha amada esposa Sênia Fátima de Carvalho, que sempre esteve ao meu lado, dedicando-me todo seu amor e compreensão;

À minha querida cunhada Aidil Terezinha de Carvalho, pela dedicação e carinho que sempre nos presenteia;

Aos meus adorados filhos Samy Ali Fawaz e Thiago Marques Fortes Moreira, pela alegria que trouxeram à minha vida, e a compreensão pela ausência que a atividade Policial-Militar muitas vezes exige;

Ao ser de luz maravilhoso, entidade de amor e carinho, enviado por Deus para me dar discernimento ante as dificuldades, Sr. Tranca Gira.

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Ten-Cel QOPM Celso José Melo, meu orientador de conteúdo, pela dedicação e orientação sempre oportunas, e pela amizade a mim dedicada, e de que muito me orgulho.

Em especial aos meus pais, Lúcio e Ilsa (in memorian), a quem devo minha vida, e meus valores.

**"Basta de imposições culturais,
perseguições, descasos, preconceitos,
tribunais, perseguições policiais,
prisões e torturas em nome de um
Deus que mais serve à causa do poder
e da acumulação do que a da liberdade
humana, do amor, da solidariedade e
da fraternidade."**

Pe. Paulo César Loureiro Bota

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	lx
RESUMO	x
1 INTRODUÇÃO	01
2 RESGATE HISTÓRICO DA UMBANDA E DO CANDOMBLÉ	03
2.1 A ORIGEM DA UMBANDA NO BRASIL.....	03
2.2 A ORIGEM DO CANDOMBLÉ NO BRASIL.....	08
3 ENTENDENDO A DOCTRINA DA UMBANDA E DO CANDOMBLÉ..	16
3.1 ENTENDENDO A DOCTRINA DA UMBANDA.....	16
3.2 O CULTO UMBANDISTA.....	19
3.3 OS MÉDIUNS.....	21
4 ENTENDENDO A DOCTRINA DO CANDOMBLÉ	23
4.1 UM POUCO DE TEOLOGIA YORUBANA.....	24
4.2 UMA CASA DE CANDOMBLÉ.....	26
5 FUNDAMENTOS PARA A NECESSIDADE RELIGIOSA	30
5.1 FUNDAMENTOS PARA A NECESSIDADE RELIGIOSA.....	30
5.1.1 A Natureza Essencial do Homem.....	31
5.1.2 As Tendências Religiosas no Comportamento Humano.....	32
5.1.3 A Influência da Religião no Comportamento Humano.....	33
5.2 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA.....	35
5.2.1 Reconhecimento da Teologia Como Ciência Pelo MEC.....	35
5.2.2 A importância do Sentimento Religioso.....	36
5.2.3 A importância da Assistência Religiosa para o Policial-Militar.....	38
5.3 ASSISTÊNCIA RELIGIOSA COMO FATOR MOTIVACIONAL PARA A MUDANÇA DO COMPORTAMENTO DO POLICIAL-MILITAR NA PREVENÇÃO DE CONDUTAS IRREGULARES.....	39
5.3.1 As Principais Funções Policiais.....	39
5.3.1.1 Relações com a Comunidade.....	40
5.3.1.2 O serviço da polícia.....	41
5.3.1.3 Profissão policial e a ética.....	41
5.3.1.4 A qualificação profissional do policial.....	43
5.3.1.5 Subcultura policial.....	44
6 A INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO NÀ PMPR	45
6.1 PRINCÍPIOS GERAIS DO CATOLICISMO.....	45
6.2 O CATOLICISMO NA PMPR.....	50
6.2.1 Serviços Prestados Pela Capelania.....	50
6.2.2 Batizados.....	50
6.2.3 Casamentos.....	51
6.2.4 Catequese De 1ª Eucaristia E Crisma.....	51
6.2.5 Outras atividades da Capelania da PMPR.....	51
6.2.6 Histórico da Capelania da PMPR.....	52
7 A INTRODUÇÃO DO PROTESTANTISMO NÀ PMPR	54
7.1 PRINCÍPIOS GERAIS DO PROTESTANTISMO.....	54
7.2 A COMUNIDADE DOS EVANGÉLICOS NA PMPR.....	58
8 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	61
8.1 METODOLOGIA.....	61

8.2	ANÁLISE DOS GRÁFICOS.....	61
9	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	66
10	CONCLUSÃO E SUGESTÕES.....	68
10.1	CONCLUSÃO.....	68
10.2	SUGESTÕES.....	69
	REFERÊNCIAS.....	73
	ANEXOS.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- A RELIGIOSIDADE CAUSA IMPACTO NA CONDUTA PROFISSIONAL.....	62
GRÁFICO 2	- A PRÁTICA RELIGIOSA EM RELAÇÃO À CONDUTA DOS MILITARES.....	62
GRÁFICO 3	- CONHECIMENTO SOBRE A FILOSOFIA DOS CULTOS CRISTÃOS E AFRO-BRASILEIROS.....	63
GRÁFICO 4	- A RELIGIOSIDADE É UMA NECESSIDADE AO POLICIAL-MILITAR.....	63
GRÁFICO 5	- JÁ ESTIVERAM PRESENTES EM ALGUM EVENTO CULTO AFRO-BRASILEIRO.....	64
GRÁFICO 6	- VIABILIDADE DA INTRODUÇÃO E NORMATIZAÇÃO DOS CULTOS CRISTÃOS E AFRO-BRASILEIROS.....	64
GRÁFICO 7	- CONCORDAM COM A OFICIALIZAÇÃO DOS CULTOS CRISTÃOS.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (traduzido para o português)
AVM	- Associação da Vila Militar
Cap	- Capitão
Cel	- Coronel
CEVAN	- Comunidade dos Evangélicos da Polícia Militar do Paraná
CF	- Constituição Federal
CPC	- Comando de Policiamento da Capital
d.C.	- Depois de Cristo
Dr.	- Doutor
FFAA	- Forças Armadas
Lc	- Lucas
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
Mt	- Mateus
OPMs	- Organizações Policiais Militares
p.	- Página
Pe.	- Padre
PES	- Percepção Extra Sensorial
PM	- Polícia Militar
PM RR	- Policial Militar da Reserva Remunerada
PMPR	- Polícia Militar do Paraná
PMs	- Policiais Militares
PR	- Paraná
Prof.	- Professor
QOPM	- Quadro de Oficiais da Polícia Militar
QPM	- Quadro de Policiais Militares
Ref.	- Referente
Revmo.	- Reverendíssimo
SAR	- Serviço de Assistência Religiosa
SAS	- Serviço de Assistência Social
Sd	- Soldado
séc.	- Século
Sgt	- Sargento
Sta.	- Santa
Ten-Cel	- Tenente-Coronel
Tm	- Timóteo
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A presente monografia versa a respeito da influência dos cultos cristãos e afro-brasileiros na conduta dos policiais-militares das Unidades do CPC. Este assunto revela-se de suma importância para a Corporação, haja vista a necessidade de um acompanhamento religioso que a profissão policial militar acaba exigindo de seus membros. Para desenvolver o tema deste trabalho monográfico, foram aplicados questionários em parte da tropa dos batalhões do CPC, a fim de colher subsídios que pudessem ajudar na formulação da conclusão e proposição de sugestões que venham a preencher esta importante lacuna que existe hoje na Polícia Militar do Paraná. O trabalho pretende esclarecer algumas dúvidas a respeito dos cultos cristãos, e principalmente dos cultos afro-brasileiros, que carregam ainda muita desconfiança por parte das pessoas que não o conhecem, devido a mitos e crendices que não condizem com a realidade das doutrinas afro-brasileiras. De posse dos questionários e entrevistas, tivemos a oportunidade de verificar que o policial-militar é carente de assistência religiosa e sente necessidade de freqüentar mais ativamente os cultos de sua crença. Por outro lado, verificamos que a corporação está extremamente falha neste aspecto, pois inclusive a capelania, que um dia já foi atuante na tropa, hoje se encontra em quase total abandono. O movimento Evangélico, diante deste quadro de abandono, organizou-se e fundou a CEVAN - Comunidade dos Evangélicos da Polícia Militar do Paraná, que é uma entidade civil, de caráter religioso, cristão-evangélico, sem fins lucrativos. A CEVAN foi uma iniciativa extremamente oportuna, e que deve ser tomada como exemplo para as demais crenças. Pudemos concluir, ao final do trabalho, que a influência dos cultos cristãos e afro-brasileiros na tropa é benéfica, uma vez que a filosofia destes cultos fortalece as bases doutrinárias da Instituição, quer seja, a hierarquia e disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Cultos Cristãos; Cultos Afro-Brasileiros; Influência

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que tem por tema "A Influência dos Cultos Cristãos e Afro-Brasileiros na Conduta dos Policiais-Militares das Unidades do CPC", reveste-se de grande importância para a Corporação, haja vista um grande número de policiais-militares praticantes de cultos Cristãos e Afro-Brasileiros, cada vez mais presentes. Os policiais praticantes de alguns cultos, dentre eles os praticantes evangélicos e afro-brasileiros, ainda não têm reconhecimento oficial na Corporação, inexistindo capelarias legalmente criadas. Isso leva os policiais muitas vezes a omitirem sua crença religiosa, deixando de exercer seu direito constitucional de liberdade de culto.

Procuraremos, no transcorrer deste trabalho, dirimir dúvidas a respeito dos cultos cristãos e afro-brasileiros, trazendo conhecimento científico a seu respeito, buscando, na pesquisa, verificar a aceitação e possíveis preconceitos ocasionados pela falta de conhecimento.

Este trabalho foi desenvolvido tendo como base o estudo dos cultos cristãos e afro-brasileiros na Corporação, retratando a realidade e a necessidade de se ter reconhecidos todos os cultos de forma oficial, cumprindo a previsão constitucional na PMPR, por não haver uma definição específica quanto à legalidade, na oficialização destas práticas.

O presente trabalho monográfico utilizou como referencial teórico, algumas publicações a respeito dos cultos cristãos e afro-brasileiros, história das religiões, bem como legislações pertinentes, além de pesquisas na rede mundial de computadores – Internet.

No segundo capítulo deste trabalho, foi feito um resgate histórico a respeito da umbanda e do candomblé, desde a sua origem no Brasil, sua denominação, seus conceitos, seus tipos e seu desenvolvimento no decorrer dos tempos. O capítulo três e quatro discorrem a respeito da necessidade de se fazer entender a doutrina da

umbanda e do candomblé, com suas peculiaridades e suas referências africanas, indígenas, européias e indianas, o culto umbandista, os médiuns.

O capítulo cinco nos apresenta os fundamentos para a necessidade religiosa, dentre eles a própria natureza essencial do homem, as tendências religiosas no comportamento humano e a influência da religião no comportamento humano. Vimos ainda no 5º capítulo do presente trabalho, que o ensino de teologia tem o reconhecimento de ciência, reconhecido pelo MEC, e a importância do sentimento religioso, haja vista o sentimento religioso, muitas vezes, afetar seu corpo, sua mente, seu espírito, sua interação com os outros, etc. Ainda neste mesmo capítulo, foi abordada a assistência religiosa como fator motivacional para a mudança do comportamento do policial-militar na prevenção de condutas irregulares.

O assunto "introdução do catolicismo na PMPR" foi o assunto desenvolvido no 6º capítulo desta monografia, sendo destacados os princípios gerais do catolicismo e o catolicismo na PMPR.

O sétimo capítulo versa a respeito da introdução do protestantismo na PMPR, descrevendo primeiramente os princípios gerais do protestantismo, e posteriormente abordando a comunidade dos evangélicos na PMPR.

Concluindo o presente trabalho, abordamos, no oitavo capítulo, a análise dos questionários e das entrevistas.

2 RESGATE HISTÓRICO DA UMBANDA E DO CANDOMBLÉ

2.1 A ORIGEM DA UMBANDA NO BRASIL

Há de se entender, antes de qualquer explicação, que a UMBANDA é uma religião, ou seja, é composta de elementos Divinos (Orixás e Guias); Doutrinários (linhas de atuação, reencarnação, lei do karma, atuação e direcionamento dos médiuns, assistenciados e guias, ...); Princípios (amor, caridade, respeito ao próximo, fé, ...); Rituais (abertura e encerramento das sessões, pontos cantados, feitura,); Místicos (a forma de atuação dos Orixás e Guias); Divinatórios (jogo de búzios, ...) Humanos (seus médiuns, Babás, Babalorixas, Sacerdotes, ...).

Cabe salientar que esses elementos são variáveis e podem ser vistos com mais ou menos intensidade de acordo com a linha doutrinária da casa (Linhas doutrinárias ou Escolas Doutrinárias). Como são muitas as ramificações e suas formas, isso torna difícil agrupá-las em suas peculiaridades, ritos, doutrina, fundamentos, filosofia, práticas. Pretendemos olhar de maneira geral os elementos mais comuns a cada ramificação dentro do possível.

A UMBANDA é uma religião de cunho espiritualista (contato e/ou interferência de espíritos, manipulações mágicas, práticas de cura através dos espíritos e/ou ervas/poções/conjuros, utilização de elementos ou instrumentos místicos)/mediúnica (instrumento pelo qual a prática religiosa se faz presente, especificamente, a incorporação) que agrega elementos de bases africanas (culto aos Orixás e ao espírito dos antepassados: Pretos-Velhos), indígenas (Caboclos), que recebeu influência oriental (indiana, inerente à reencarnação, o karma e o dharma), e adquiriu elementos do cristianismo (judaísmo) como a caridade, o auxílio ao próximo e outros ditos por Jesus Cristo que no sincretismo religioso (associação dos Santos Católicos aos Orixás africanos) consideramos como o Orixá Oxalá.

Existem algumas versões para a origem da Umbanda.

Tentaremos mostrar uma face dessa origem, salientando que não importam as formas variáveis da origem, e sim, como ela atua e o que tem em comum: sua essência.

O início do movimento Umbandista se coloca entre a primeira e a segunda metade do século XIX, junto ao candomblé.

Os negros nas senzalas cantavam e dançavam em louvor aos Orixás, embora aos olhos dos brancos eles estavam comemorando os Santos católicos. Em meio a essas comemorações, eles começaram a incorporar espíritos ditos Pretos-Velhos (reconhecidos como espíritos de ancestrais, sejam de antigos Babalaôs, Babalorixás, Yalorixás e antigos "Pais e Mães de senzala": escravos mais velhos que sobreviveram à senzala e que, em vida, eram conselheiros e sabiam as antigas artes da religião da distante África) que iniciaram a ajuda espiritual e o alívio do sofrimento material, àqueles que estavam no cativeiro.

Embora houvesse uma certa resistência por parte de alguns, pois consideravam os espíritos incorporados dos Pretos-Velhos como Eguns (espírito de pessoas que já morreram e não são cultuados no candomblé), também houve admiração e devoção.

Com os escravos foragidos, forros e libertados pelas leis do Ventre Livre, Sexagenário e posteriormente a Lei Áurea, começou-se a montagem das tendas, posteriormente terreiros.

Em alguns Candomblés também começaram a incorporar Caboclos (índios das terras brasileiras como Pajés e Caciques) que foram elevados à categoria de ancestral e passaram a ser louvados. O exemplo disso são os ditos "Candomblés de Caboclo". Muito comuns no norte e nordeste do Brasil até hoje.

No início do sec. XX, surgiram as Macumbas no sudeste do Brasil, mas precisamente no Rio de Janeiro (sendo que também existiam em São Paulo) que mesclavam ritos Africanos, um sincretismo Afro-católico e outros mistos mágicos e influências espíritas (kardecistas). Isso era feito isoladamente, por indivíduos e seus guias, ou em grupamentos liderados pelo Umbanda ou embanda que era o chefe de ritual.

De certa forma, com o passar do tempo, tudo que envolvia algo que não se enquadrava no catolicismo, protestantismo, judaísmo ou no espiritismo, era considerado macumba. Virou um termo pejorativo e as pessoas que a praticavam, o que podemos rotular como uma "Umbanda rudimentar", não estavam muito interessadas ou preocupadas em dar-lhe um nome. Porém, o termo Umbanda já era utilizado dentro de uma forma de culto ainda meio dispersa e sem uma organização precisa como vemos hoje.

A mais antiga referência literária e denotativa ao termo Umbanda é de Heli Chaterlain, Contos Populares de Angola, de 1889. Lá aparece a referência à palavra Umbanda.

UMBANDA: Banto - Kimbundo = arte de curar.

Segundo Heli Chatelain, tem diversas acepções correlatas na África (ref.: Cultura Bantu):

1 - A faculdade, ciência, arte, profissão, negócio:

1a) de curar com medicina natural (remédios) ou sobrenatural (encantos);

1b) de adivinhar o desconhecido pela consulta à sombra dos mortos ou dos gênios, espíritos que não são humanos nem divinos;

1c) de induzir esses espíritos humanos que não são humanos a influenciar os homens e a natureza para o bem ou para o mal;

Com o passar do tempo, a Umbanda foi se individualizando e se modificando em relação ao candomblé, ao Catolicismo e ao Espiritismo. Através dos Pretos-Velhos e Caboclos, que guiaram seus "cavalos" (médiuns), a Umbanda foi adquirindo forma e conteúdo próprios e característicos (identidade cultural e religiosa) e que a diferencia daquela "Umbanda rudimentar" ou Macumba.

A incorporação de guias de Umbanda também ocorreu em outras religiões além do Candomblé, como foi no caso do espiritismo. Em 1908, na federação espírita, em Niterói, um jovem de 17 anos, Zélio Fernandino de MORAES, foi convidado a participar da Mesa Espírita. Ao serem iniciados os trabalhos,

manifestaram-se em ZÉLIO espíritos que diziam ser de índio e escravo. O dirigente da Mesa pediu que se retirassem, por acreditar que não passavam de espíritos atrasados (sem doutrina).

As entidades deram seus nomes como Caboclo das Sete encruzilhadas e Pai Antônio. No dia seguinte, as entidades começaram a atender na residência de ZÉLIO a todos aqueles que necessitavam, e, posteriormente, fundaram a Tenda espírita Nossa Senhora da Piedade.

ZÉLIO foi o precursor de um "trabalho Umbandista Básico" (voltado à caridade, assistencial, sem cobrança e sem fazer o mal e priorizando o bem), uma forma "básica de culto" (muito simples), mas aberta à junção das formas já existentes (ao próprio Candomblé nos cultos Nagôs e Bantos, que deram origem às Umbandas mais africanas - Umbanda Omoloko, Umbanda de pretos-velhos-; ou aquelas formas mais vinculadas ao espiritismo - Umbanda Branca-; ou aquelas formas oriundas da Pajelança do índio brasileiro - Umbanda de Caboclo -; ou mesmo formas mescladas com o esoterismo de Papus - Gérard Anacleto Vincent ENCAUSSE -, esoterismo teosófico de Madame Helena Petrovna BLAVATSKY (1831-1891), de Joseph Alexandre Saint-Yves D'ALVEYDRE - Umbanda Esotérica, Umbanda Iniciática, entre outras) que foram se mesclando e originando diversas correntes ou ramificações da Umbanda com suas próprias doutrinas, ritos, preceitos, cultura e características próprias dentro ou inerentes à prática de seus fundamentos.

Hoje temos várias ramificações da Umbanda que guardam raízes muito fortes das bases iniciais, e outras, que absorveram características de outras religiões, mas que mantêm a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Alguns exemplos dessas ramificações são:

- □ **"Umbanda tradicional"** - Oriunda de ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES";
- □ **"Umbanda Popular"** - Que era praticada antes de Zélio e conhecida como Macumbas ou Candomblés de Caboclos; onde podemos

encontrar um forte sincretismo - Santos Católicos associados aos Orixas Africanos";

- □ **"Umbanda Branca e/ou de Mesa"** - Com um cunho espírita - "kardecista" - muito expressivo. Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos Africanos - Orixás -, nem o trabalho dos Exus e Pomba-giras, ou a utilização de elementos como atabaques, fumo, imagens e bebidas. Essa linha doutrinária se prende mais ao trabalho de guias como caboclos, pretos-velhos e crianças. Também podemos encontrar a utilização de livros espíritas - "kardecistas" - como fonte doutrinária;

- □ **"Umbanda Omolokô"** - Trazida da África pelo Tatá TANCREDO DA SILVA PINTO. Nela encontramos um misto entre o culto dos Orixás e o trabalho direcionado dos Guias;

- □ **"Umbanda Traçada ou Umbandomblé"** - Existe uma diferenciação entre Umbanda e Candomblé, mas o mesmo sacerdote ora vira para a Umbanda, ora vira para o candomblé em sessões diferenciadas. Não é feito tudo ao mesmo tempo. As sessões são feitas em dias e horários diferentes;

- □ **"Umbanda Esotérica"** - É diferenciada entre alguns segmentos oriundos de Oliveira MAGNO, Emanuel ZESPO e o W. W. da Matta (Mestre Yapacany), em que intitulam a Umbanda como a Aumbhandan: "conjunto de leis divinas";

- □ **"Umbanda Iniciática"** - É derivada da Umbanda Esotérica e foi fundamentada pelo Mestre Rivas Neto (Escola de Síntese conduzida por Yamunisiddha Arhapiagha), onde há a busca de uma convergência doutrinária (sete ritos), e o alcance do Ombhandum, o Ponto de Convergência e Síntese. Existe uma grande influência Oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sanscrito;

- □ **"Umbanda de Caboclo"** - influência da cultura indígena brasileira com seu foco principal nos guias conhecidos como "Caboclos";

- □ **"Umbanda de pretos-velhos"** - influência da cultura Africana, em que podemos encontrar elementos sincréticos, o culto aos Orixás, e onde o comando é feito pelos pretos-velhos;
- □ Outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Diferenciam-se das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda.

2.2 A ORIGEM DO CANDOMBLÉ NO BRASIL

O candomblé é uma palavra de origem bantu que, na Bahia, passou a ser usada para designar, de uma maneira geral, religiões de origem africana. O desenvolvimento do candomblé se deu na cidade de Salvador, através dos negros de Angola que se reuniam na organização Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo; dos Gêges, estabelecidos na cidade baixa, na Redenção dos Homens Pretos; e dos Nagôs, que, em sua maioria, pertenciam à nação Kêto. Estes últimos formavam duas irmandades: a de Nossa Senhora da Boa Morte, só de mulheres, e outra somente para os homens, conhecida como Nosso Senhor dos Martírios. De acordo com historiadores e pesquisadores, foram as mulheres da nação Kêto, escravas libertas, que tiveram a primeira iniciativa de criar um terreiro de candomblé chamado Ìya Omi Àse Aira Intilè.

No Rio de Janeiro, também foram instalados vários terreiros de candomblé, com origem nos terreiros de Kêto, na Bahia. Os mais conhecidos são: Axé Opô Afonjá e o de Nossa Senhora das Candeias, fundado por NITINHA de Oxum, filha de santo de Tia MASSI da Casa Branca, da Bahia. Além dos terreiros Nagô-Kêto existem também os da nação Ijexá.

A instituição de confrarias religiosas, sob a égide da Igreja Católica, separava as etnias africanas. Os pretos de Angola formavam a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, fundada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os daomeanos (gêges) reuniam-se sob a

devoção de Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Corpo Santo, na Cidade Baixa. Os nagôs, cuja maioria pertencia à nação Kêto, formavam duas irmandades: uma de mulheres, a de Nossa Senhora da Boa Morte; outra reservada aos homens, a de Nosso Senhor dos Martírios.

Essa separação por etnias completava o que já havia esboçado a instituição dos batuques do século precedente e permitia aos escravos, libertos ou não, assim reagrupados, praticar juntos novamente, em locais situados fora das igrejas, o culto de seus deuses africanos.

Várias mulheres enérgicas e voluntárias, originárias de Kêto, antigas escravas libertas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de candomblé chamado Iyá Omi Àse Aira Intilè, numa casa situada na Ladeira do Berquo, hoje Rua Visconde de Itaparica, próxima à Igreja da Barroquinha.

As versões sobre o assunto são numerosas e variam bastante quando relatam as diversas peripécias que acompanharam essa realização. Os nomes dessas mulheres são eles mesmos controversos. Duas delas chamadas Iyalussô DANADANA e Iyanassô AKALÁ, segundo uns, e Iyanassô OKÁ, segundo outros, auxiliadas por um certo Babá ASSIKÁ, saudado como Essá ASSIKÁ no padê do qual falaremos mais tarde, teriam sido as fundadoras do terreiro de Ase Aira Intilè. Iyalussô DANADANA, segundo consta, regressou à África e lá morreu. IYANASSÔ teria, pelo seu lado viajado a Kêto, acompanhada por Marcelina da SILVA. Não se sabe exatamente se esta era sua filha de sangue, ou filha espiritual, isto é, iniciada por ela no culto dos orixás, ou ainda, se se tratava de uma prima sua. As opiniões sobre o assunto são controversas e tornam-se objeto de eruditas discussões, estando porém todos de acordo em declarar que seu nome de iniciada era OBATOSSÍ.

Marcelina-OBATOSSÍ fez-se acompanhar nessa viagem por sua filha Madalena. Após sete anos de permanência em Kêto, o pequeno grupo voltou acrescido de duas crianças que MADALENA tivera na África, e grávida de uma terceira, CLAUDIANA, que será por sua vez mãe de Maria Bibiana do ESPÍRITO

SANTO, Mãe Senhora, Oxum MIUA, da qual tive a insigne honra de tornar-me filho espiritual.

IANASSÔ e OBATOSSÍ trouxeram de Kêto, além dessas filhas e netas, um africano chamado BANGBOXÉ, que recebeu na Bahia o nome de Rodolfo Martins de ANDRADE, e, no padê ao qual me referi acima, é saudado como Essá OBITIKÔ.

O terreiro situado, quando de sua fundação, por trás da Barroquinha mudou-se por diversas vezes e, após haver passado pelo Calabar na Baixa de São Lourenço, instalou-se sob o nome de Ilê Iyanassô na Avenida Vasco da Gama, onde ainda hoje se encontra, sendo familiarmente chamado de Casa Branca do Engenho Velho, e no qual Marcelina-OBATOSSÍ tornou-se a mãe-de-santo após a morte de IYANASSÔ.

Verifica-se ligeira divergência na versão dada por Dona Menininha relativa às origens dos terreiros provenientes da Barroquinha. O nome de Iyalussô DANADANA não é mencionado. A primeira mãe-de-santo teria sido Iyá Akalá (distinta de Iyanassô), que, tendo regressado à África, aí mesmo veio a falecer. A segunda mãe-de-santo teria sido IYANASSÔ OKÁ (e não Akalá).

Não se sabe com precisão a data de todos esses acontecimentos, pois, no início do século XIX, a religião católica era ainda a única autorizada. As reuniões de protestantes eram toleradas só para os estrangeiros; o islamismo, que provocara uma série de revoltas de escravos entre 1808 e 1835, era formalmente proibido e perseguido com extremo rigor; os cultos aos deuses africanos eram ignorados e passavam por práticas supersticiosas. Tais cultos tinham um caráter clandestino e as pessoas que neles tomavam parte eram perseguidas pelas autoridades.

Por volta de 1826, a polícia da Bahia havia, no decorrer de buscas efetuadas com o objetivo de prevenir possíveis levantes de africanos, escravos ou livres, na cidade ou nas redondezas, recolhido atabaques, espanta-moscas e outros objetos que pareciam mais adequados ao candomblé do que a uma sangrenta revolução. Nina RODRIGUES refere-se a certo quilombo, existente nas matas do Urubu, em Pirajá, "o qual se mantinha com o auxílio de uma casa de fetiche da vizinhança, chamada a Casa de Candomblé".

Um artigo do Jornal da Bahia, de 3 de maio de 1855, faz alusão a uma reunião na casa Ilê Iyanassô:

"Foram presos e colocados à disposição da polícia Cristovão Francisco TAVARES, africano emancipado, Maria SALOMÉ, Joana FRANCISCA, Leopoldina Maria da CONCEIÇÃO, Escolástica Maria da CONCEIÇÃO, crioulos livres; os escravos Rodolfo Araújo Sá BARRETO, mulato; Melônio, crioulo, e as africanas Maria Tereza, Benedita, Silvana... que estavam no local chamado Engenho Velho, numa reunião que chamavam de candomblé". É curioso encontrar nesse documento o nome, pouco comum, de Escolástica Maria da CONCEIÇÃO, o mesmo com o qual seria batizada, trinta e cinco anos mais tarde, Dona Menininha, a famosa mãe-de-santo do Gantois, cujos pais, a essa época, sem dúvida, freqüentavam ou faziam parte do terreiro de Ilê Iyanassô, onde houve essa ação policial.

Com a morte de Marcelina-OBATOSSÍ, foi Maria Júlia FIGUEIREDO, Omonike, Iyalódé, também chamada Erelu na sociedade dos geledé, que se tornou a nova mãe-de-santo. Isso provocou serias discussões entre os membros mais antigos do terreiro de Ilê Iyanassô, tendo como consequência a criação de dois novos terreiros, originários do primeiro; Júlia Maria da Conceição Nazaré, cujo orixá era Dàda Báayàni Àjàkú, fundou um terreiro chamado Iyá Omi Àse Iyámase, no Alto do Gantois, cuja mãe-de-santo atual, e quarta a ocupar este lugar, é Dona Escolástica Maria da Conceição NAZARÉ, "Menininha", a última das famosas mães-de-santo da antiga geração. Segundo Menininha, Júlia da Conceição NAZARÉ, fundadora do Terreiro do Gantois, teria sido a irmã-de-santo, e não filha-de-santo, de Marcelina-OBATOSSÍ. Uma personagem importante nos meios do candomblé, chamada Babá Adetá Okanledê, consagrada a Oxóssi e originária de Kêto, teria tido um papel importante quando foi criado o Terreiro do Gantois, Iyá Omi Àse Iyámase.

Eugênia Ana SANTOS, Aninha Obabiyi, cujo orixá era Xangô, auxiliada por Joaquim Vieira da SILVA, Obasanya, um africano vindo do Recife e saudado Essá Oburô, no Padê ao qual já fizemos alusão, fundaram outro terreiro saído do Ilê Iyanassô e chamado "Centro Cruz Santa do Axê de Opô Afonjá", que foi instalado, em 1910, em São Gonçalo do Retiro, depois do Axê ter funcionado provisoriamente no lugar denominado Camarão, no bairro do Rio Vermelho.

Sob o impulso desta grande Mãe de Santo, o novo terreiro rapidamente igualou - e talvez, mesmo, tenha ultrapassado - em reputação os outros candomblés Kétu.

Maria da Purificação LOPEZ, Tia Bada Olufandéí, sucedeu, em 1938, a Aninha e deixou, em 1941, o encargo do terreiro a Maria Bibiana do ESPÍRITO SANTO, Mãe Senhora OXUNMIWÁ, filha espiritual de Aninha OBABIYI.

Pelo jogo complicado das filiações, Senhora era bisneta de Obatossí por laços de sangue e sua neta somente por laços espirituais da iniciação. Em outros termos, Iyanassô AKALÁ (ou Oká) foi, na geração anterior, ao mesmo tempo, a bisavó e a trisavó de Senhora. As coisas tornaram-se mais complicadas ainda quando Senhora recebeu, em 1952, o título honorífico de Iyanassô, dado pelo Alafin Oyó da Nigéria, por intermédio de uma carta de que tive a honra de ser o portador. Senhora, abolindo o tempo passado, graças a esta distinção, tornou-se espiritualmente a fundadora desta família de terreiros de candomblé da nação de Kétu, na Bahia, confirmando tão elevada posição em 1962, quando foi presidir, seguida de seus Ogans (onde figuravam os colaboradores desta obra, Carybé, Jorge AMADO, Waldeloir RÊGO), o Axexê ou cerimônia mortuária da saudosa, e mais que centenária, Mãe de Santo do Ilê Iyanassô da Casa Branca do Engenho Velho, Maximiana Maria da CONCEIÇÃO, Tia Massi Oinfunké.

Esta dignidade recebida da África por Senhora provocou, diga-se de passagem, comentários e rumores, os "fuxicos" que agitam e apaixonam as pessoas que pertencem a este pequeno mundo, cheio de tradição, onde as questões de etiqueta, de direitos fundamentados sobre o valor dos nascimentos espirituais, de primazias, de gradação nas formas elaboradas de saudações, de prosternações, de ajoelhamentos são observadas, discutidas e criticadas apaixonadamente; neste mundo onde o beija-mão, as curvaturas, as respeitadas inclinações de cabeça, as mãos ligeiramente balançadas em gestos abençoadores representam um papel tão minucioso e docilmente praticado como na Corte do Rei Sol. Os terreiros de candomblé são os últimos lugares onde as regras do bom tom reinam ainda soberanamente.

Após o desaparecimento da saudosa Mãe Senhora, em 1967, duas novas Mães de Santo Ihe sucederam à frente do Axê Opô Afonjá. A atual Maria Estella de Azevedo SANTOS, Odé Kayodê, retornando a tradição de Iyanassô e de Obatossí, foi fazer uma viagem às fontes, na Nigéria e no ex-Daomé.

Após a morte de Senhora, outros terreiros foram criados, originários todos do Axê Opô Afonjá formando uma terceira geração desta família de candomblés que nasceu na Barroquinha. Citemos o Axê Opô Aganju, de Balbino Daniel de Paula, OBARAIM, que viajou para África e aí participou das festas para Xangô, com perfeita naturalidade, como se sua família não houvesse deixado aquele país há várias gerações.

Existem numerosos outros terreiros que seguem o ritual Kétu, como o do Illé Mariolajê no Matatu, mais conhecido sob o nome de Alaketu, cuja Mãe de santo atual, Olga de ALAKETU, já foi várias vezes à África. Citemos, ainda, o terreiro de Ilé Ogunjá, também no Matatu, do falecido Pai de Santo Procópio Xavier de SOUZA, Ogunjobí.

Ao lado dos terreiros Nagô-Kétu, há na Bahia os da nação Igexa. O mais digno dentre eles é o de Eduardo Igexa, ou Eduardo Antônio MANGABEIRA, meio-irmão de Otávio Mangabeira, que foi governador do Estado da Bahia. Durante a década de 50, ele enviou cartas redigidas em perfeito Yorubá a seu distante parente, o Rei de Igexá, que as recebeu bastante emocionado.

Os terreiros Gegê, onde se praticava o culto dos Voduns do Daomé, eram mais raros. O mais conhecido era o do Bogum, da falecida Emiliana Pidade dos REIS, a qual sucedeu a falecida Valentina Maria dos Anjos, Mãe Runhó.

Os cultos Gegê e Nagô se fundiam em terreiros como o de Oxumaré, na Rua Vasco da Gama, dos falecidos Antônio de Oxumaré, Cotinha e Simpliciana.

O ritual dos cultos de origem Bantu era inicialmente diferente das cerimônias Nagôs e Gegês. Misturaram-se, depois, tornando-se bastante próprios. A originalidade destes cultos Bantus é difícil de definir. Não se sabe se os rituais Gegê e Nagô foram ou não influenciados por escravos do Congo e de Angola, já presentes no Brasil em grande quantidade, no final do século XVII. Relações mais constantes

estabeleceram-se nos séculos posteriores, entre Bahia e Pernambuco e a Costa dita dos Escravos; a maioria dos cativos desembarcados nestas duas províncias era constituída, então, pelos Gegês e Nagôs (Daomeanos e Yorubás).

Expusemos, em outras obras, as razões comerciais criadas pela presença do fumo na Bahia e em Pernambuco, razões que determinaram a afluência dos Gegês e dos Nagôs a estas duas regiões, a partir do século XVIII, e não às outras partes do Brasil, onde os Congos e Angolas continuaram a ser importados em grande proporção.

A palavra *candomblé*, que serve para designar, na Bahia, as religiões africanas em geral, parece ser de origem Bantu. É possível que as influências das religiões vindas destas regiões não se restringissem, apenas, ao nome dado às cerimônias, mas tivessem dado aos cultos Gegê e Nagô na Bahia uma forma diferente, em certos detalhes, destas mesmas manifestações na África.

Um estudo em separado do ritual Bantu é tarefa bastante difícil, pois seria necessário fazê-lo em diversos pontos do Brasil, em lugares onde esta influência Gegê-Nagô não se tivesse feito sentir. Na Bahia, temos que nos contentar com a presença de alguns cantos e ritmos de tambores. Seria necessário, também, localizar os termos Bantus ainda conhecidos, termos estes que os participantes de terreiros Bantus têm tendência a exprimir no seu equivalente Nagô, seja por espírito de discriminação, seja para falar numa língua compreensível a seus interlocutores.

Existem na Bahia, o terreiro Congo do falecido Manoel Bernardino da PAIXÃO, o Bate Folha, no bairro de Beiru; o terreiro Angola da falecida Maria Neném do Tumbeuci, também no Beiru, e o de seu Filho de Santo, o falecido Manoel Ciríaco de JESUS, o Tumba Juçara, no Alto do Corrupio, hoje sob a direção da Mãe de Santo Dere.

Destaquemos, finalmente, o caso do falecido Pai de Santo João Alves de TORRES, mais conhecido como Joãozinho da Goméa, que deve seu renome ao Caboclo Pedra Preta, e cujo culto, realizado à maneira africana, era dedicado aos ancestrais indígenas, Senhores desta Terra do Brasil. Iniciado no ritual Angola por Jubiabá, Joãozinho foi herdeiro de uma Yansã e se orientou, cada vez mais, em

direção ao ritual Nagô. Este caso nos parece típico da ascendência exercida pelo ritual Nagô sobre as religiões de etnias diferentes.

Na própria África, as religiões Bantus parecem centradas sobre uma série de devoções aos ancestrais de um grupo familiar reduzido e não sobre o culto de deuses ligados às forças da natureza. É possível que existissem estes tipos de cultos, mas, na Bahia, eles tomaram uma forma bem próxima da concepção Yorubá.

3 ENTENDENDO A DOCTRINA DA UMBANDA E DO CANDOMBLÉ

3.1 ENTENDENDO A DOCTRINA DA UMBANDA

A Umbanda se fundamenta nos seguintes conceitos:

◆ ***Um Deus único e superior: Zâmbi, Olorum ou simplesmente Deus..***

Em sua benevolência e em sua força emanada através dos Orixás e dos Guias, auxiliando os homens em sua caminhada para a elevação espiritual e social.

◆ ***Os Orixás.***

Seres do Astral superior que representam a natureza e como esta atua e interage com os seres humanos.

Orixás: Oxalá, Omulu/Abaluaye, Xango, Ogum, Oxosse, Exu, Yemanjá ou Yemonjá, Nanã ou Nanã Boruque, Oxum, Oxumaré, Oba, Iansã, ...

◆ ***Os Guias.***

Espíritos de Luz e plenitude que vêm à Terra para ensinar e ajudar todas as pessoas, encarnadas e desencarnadas.

Guias: Pretos-Velhos, Caboclos, Boiadeiros, Africanos, Baianos, Marinheiros, Crianças, Orientais, Ciganos, Exus e Pomba-giras,

◆ ***Os Espíritos (generalização).***

Seres desencarnados que atuam de várias maneiras no mundo em que vivemos: maneiras positivas (são os Guias da Umbanda; os espíritos de Luz do Espiritismo - Kardecismo). Maneira negativa: espíritos maléficos ou perdidos (os Kiumbas - nome dado na Umbanda); obsessores ou espíritos sem Luz (nome dado no Espiritismo).

◆ ***A Reencarnação.***

Ato natural do ciclo de vida (vida - morte - renascimento); aperfeiçoamento do espírito e do próprio homem.

Consiste na crença de que várias existências são necessárias para se chegar ao equilíbrio evolutivo e aos diversos planos da espiritualidade.

A origem dessa crença é indiana e penetrou em várias religiões ao longo dos séculos: Religiões Hindus, Budismo, Umbanda, Candomblé, Espiritismo etc

◆ **O Karma.**

Lei reencarnatória a qual todos estamos subordinados que dita a forma e os meios pelos quais será dado o retorno a um corpo material a fim de resgatarmos nosso erros (de existências passadas) e fazer cumprir boas ações (na existência futura).

O Karma, por vezes, ultrapassa as barreiras temporais da materialidade fazendo com que o espírito cumpra sua passagem pela Terra não reencarnando, mas sim, como um Guia (Preto-Velho, Caboclo, etc; no caso da Umbanda), o qual tem como comprometimento, missão ou provação guiar e ajudar os seres humanos e outros espíritos.

Exemplo em termos **genéricos** do Karma:

Uma pessoa A que por pura ganância e egoísmo prejudicou a vida de B colocando-a na sarjeta e levando-a a cometer atos espúrios e em conseqüência a morte, sendo que B morreu nutrindo um ódio muito grande por A que a prejudicou.

O Karma que A poderia ter seria vir (reencarnar) como mãe de B. E B, por sua vez, poderia aceitar um Karma de vir como filho deficiente de A, para que ambas pudessem cumprir seus Karmas e evoluir e aprenderem juntas o sentido da solidariedade e do amor.

◆ **O Dharma.**

De vários modos os Umbandistas, em geral, vêem o Dharma embutido dentro do Karma e, por vezes, fazem referências ao Dharma em formas de Karma

e vice-versa. Por isso, eu preferi fazer a referência ao Dharma em separado, mas ressaltando que não há o Dharma sem o Kharma, mas que ambos têm seu próprio significado.

Lei de conduta na qual o espírito já encarnado, ou não, tangem sua existência, a fim de cumprir seus Kharmas. Quando há a quebra do Dharma ou sua deturpação caímos em novos Kharmas.

Exemplo genérico do Dharma:

Utilizando o exemplo acima, teríamos como Dharma de A o cuidado materno que ele teria que dar a B como seu filho, o comprometimento e a atenção.

Já o Dharma de B seria o respeito, a atenção e o carinho que ele teria que dar a A como sua mãe.

◆ **A Mediunidade.**

O Dom dado por Deus às pessoas para que elas possam interagir com os espíritos, como instrumentos de difusão de força divina através da incorporação, da psicografia, da audição, da PES (Percepção Extra-Sensorial), e de outras forma no sentido de, humildemente, servir a Deus e ajudando a todos que necessitem de caridade e no encontro da fé.

◆ **O Caminho (ele tem relação com o Dharma e com o Kharma).**

Os Umbandistas crêem na caridade, no amor e na fé, como os elementos principais na evolução espiritual e material do Homem em seus vários estágios no Ciclo da vida.

A Umbanda não discrimina nenhuma religião, visto que todas, desde que alicerçada pelas mãos divinas (e não por interesses econômicos e/ou mesquinhos e materialistas), são válidas na caminhada ao encontro da fé.

Cada pessoa, cada ser humano, deve procurar a Religião que mais o complete; com a qual se identifique nos seus fundamentos, preceitos, doutrina e rituais, ou meramente nos aspectos filosóficos e científicos.

◆ **Referências Africanas, Indígenas, Européias e Indianas.**

A UMBANDA é uma junção de elementos Africanos (Orixás e culto aos antepassados), Indígenas (culto aos antepassados e elementos da natureza), Brancos (o europeu que trouxe seus Santos e a doutrina cristã que foram sincretizados pelos Negros Africanos) e de uma doutrina Indiana de reencarnação, Karma e Dharma, associada a concepção de espírito empregada nas três Raças que se fundiram (Negro, Branco e Índio).

A UMBANDA prega a existência pacífica e o respeito ao ser humano, a natureza e a Deus. Respeitando todas as manifestações de fé, independentes da religião.

A máxima dentro da UMBANDA é "**Dê de graça, o que de graça recebestes: com amor, humildade, caridade e fé**".

3.2 O CULTO UMBANDISTA

A Umbanda tem como lugar de culto o templo, terreiro ou Centro, que é o local onde os Umbandistas se encontram para realização de suas giras, sessões.

O chefe do culto no Centro é o Sacerdote [a Babá (Sacerdote feminino) ou o Babalaô (Sacerdote masculino)] que é quem coordena a gira e que irá incorporar o guia de luz que comandará a espiritualidade do local dos trabalhos. Normalmente, esse guia de luz, que comanda é um Preto-Velho ou Caboclo (varia de casa para casa, de linha doutrinária para linha doutrinária).

Os templos onde os "comandantes" são Pretos-Velhos seguem a corrente africana e os que tem o Caboclo como comandante seguem a linha indígena. Mas, isso não é regra e pode variar de templo para templo.

As pessoas que recebem, incorporam entidades dentro dos terreiros, são ditos médiuns, ou cavalos. Pessoas que têm o Dom de incorporar os Orixás e Guias.

As entidades que são incorporadas pelos médiuns podem ser divididas entre:

- Orixás: Xangô, Ogum, Exu, Oxum, Nanã, Iemanjá, Iansã, Obaluayê, Oxumaré, entre outros.
- Guias: Pretos-velhos, Caboclos, Boiadeiros, Crianças, Exus, Marinheiros e Orientais.
- Kiumbas, espíritos sem luz: esses, normalmente, são incorporados quando se está fazendo algum descarrego ou quando existe algum obsediado no local.

As sessões

O culto nos terreiros é dividido em sessões, normalmente de desenvolvimento e de consulta, e essas, são sub-divididas em giras.

Os dias da semana em que acontecem as sessões variam de Centro para Centro. No nosso, elas se dão às segundas-feiras e às sextas-feiras.

Nas segundas, são feitas as sessões de consulta com Pretos-Velhos, onde as pessoas conversam com nossas entidades, a fim de obter ajuda e conselhos para suas vidas, curas, desobsessões e para resolver problemas espirituais diversos. As ocorrências mais comuns nestas sessões são o "passe" e o "descarrego". No "passe", os Pretos-Velhos, rezam a pessoa energizando-a e retirando toda a parte negativa que nela possa estar. O descarrego, é feito com o auxílio de um médium de descarrego, o qual, irá incorporar o obsessor, ou captar a energia negativa da pessoa. Então, o Preto-Velho faz com que essa energia seja deslocada para o astral. Caso seja um obsessor, o espírito obsediador é retirado e encaminhado para a luz ou para um lugar mais adequado no astral inferior; caso ele não aceite a luz que lhe é dada. Nesses casos pode-se pedir a presença de um ou mais Exus para auxiliar o Preto-Velho.

Nas sextas-feiras, ocorrem as giras de Caboclos, Boiadeiros, Orixás, Marinheiros, Pretos-Velhos, Crianças e Exus. Nessas giras são feitos os desenvolvimentos dos médiuns do terreiro. Nelas, são cantados os pontos e tocados os atabaques. As giras de Marinheiros e Exus são festivas, e, além de serem feitos os desenvolvimentos dos médiuns, são realizadas consultas com esses guias. Existem terreiros onde, além dos Pretos-Velhos, Marinheiros e Exus, também os Caboclos e Boiadeiros dão consultas e trabalham com o descarrego e a desobsessão.

3.3 OS MÉDIUNS

Médium é toda pessoa com o Dom da incorporação, audição, fala, escrita, visão voltados ao contato com os espíritos e Orixás.

O médium tem como uma de suas missões na vida ser um instrumento nas mãos dos guias e Orixás. Ele deve ter e seguir, em sua vida, os conceitos de caridade, amor e fé, praticados dentro da Umbanda.

Para muitos é dado a entender que o médium sofre.

Ser médium na concepção maior, não é dor e sim provação. Pode-se dizer que a vida de quem é médium 24 horas por dia, 7 dias na semana, realmente não é fácil, mas não chega a ser castigo, como algumas pessoas entendem, e sim, como se pode dar em benefício do próximo, encarnado ou desencarnado.

Existem médiuns que sofrem muito, realmente sofrem muito: por sua própria culpa, porque acham que os guias devem-lhes dar de tudo, ou se envaidecem, ou agem de maneira errada e leviana em suas vidas, ou não levam a sério a vida espiritual, ou por ignorância sentem vergonha da forma como se dá a incorporação e "prendem os Guias". Esses médiuns acabam sendo recriminados pelos seus Guias e Orixás, como alguns dizem: "tomando uma surra".

Existem aqueles médiuns que são como "pára-raios" das forças negativas, basta estar uma pessoa muito carregada no terreiro ou passar por perto de alguém que esteja com alguma demanda ou obsessor para começar a passar mal. Mas esses, com o tempo, vão aprendendo a se controlar com a ajuda dos Guias e acabam resolvendo o problema.

O médium deve tangir sua vida como um mensageiro de Deus, dos Orixás e Guias. Ter um comportamento moral e profissional dignos, ser honesto e íntegro em suas atitudes. Nos dias de hoje, é difícil ser tudo isso, mas vale a pena e pode ser feito.

As pessoas que são médiuns devem levar sempre a sério suas missões e ter muito amor e dar valor ao que fazem, ter sempre boa vontade nos trabalhos de seu terreiro e na vida do dia-a-dia.

O médium deve tomar, sempre que necessário, os banhos de descarrego adequados aos seus Orixás e Guias, estar pontualmente no terreiro com sua roupa sempre limpa, conversar sempre com o chefe espiritual do terreiro quando estiver com alguma dúvida, problema espiritual ou material.

"Deve deixar, na medida do possível, seus problemas materiais sempre do lado de fora do terreiro", ou seja, tentar entrar no terreiro com a cabeça mais arejada e limpa, fazendo com que haja uma divisão entre o material e o espiritual, embora saibamos que deixar os problemas lá fora seja difícil, mas não é impossível.

O médium deve estar sempre atento às obrigações que ele deve fazer, todos os anos, para seu Orixá de cabeça (Orixá que rege sua vida e sua coroa, mente, do médium). Essa obrigação deve ser passada pelo Guia chefe do terreiro ou pela Babá do Centro.

Outra consideração importante com relação à mediunidade, e, ao terreiro, é que o médium deve abster-se de relações sexuais no dia das sessões. Pois isso, além de enfraquecer a energia psíquica, pode levar à falta de concentração e à dispersão no decorrer das sessões.

4 ENTENDENDO A DOCTRINA DO CANDOMBLÉ

O CANDOMBLÉ é uma religião dinâmica, ao contrário do imaginação de muitos, pela sua variedade de deuses, é essencialmente monoteísta, crê em um único Deus e criador, Olorún (olo=dono, senhor ; orun= céu, espaço celeste sagrado), que criou o céu e a terra, os orixás e o homem. O Orún sua moradia e dos Araorún, todos os ancestres e elementais divinizados; o Aiyé, moradia dos Araiye, os seres humanos, os animais, vegetais, minerais e toda forma da natureza; os orixás, elementais da natureza por excelência, guardiões e fiscais da mesma, energia indispensável para toda sobrevivência, com função dupla: reger e cuidar da natureza em si e da natureza humana; o homem, objeto maior da sua criação, para de tudo usufruir dentro dos critérios do seu Criador.

A teologia yorubana, só faz referência ao Orún e Aiyé , em momento algum, em qualquer circunstância, sobre as palavras - inferno e pecado - as leis, a lógica, o bom-senso e os ensinamentos permeiam a conduta das pessoas, e, mesmo porque são termos posteriores à criação do homem pela teologia yorubana.

No candomblé nada se inventa, tudo se aprende, o saber e o conhecimento só vem com o tempo, ensinamento, humildade, axé, merecimento e compreensão. A sua prática tende a se adaptar, pelo crescimento e modernidade do mundo, professando a sua religião através dos seus ritos, cada vez mais, confinados no seu Ilê Axé (casa de candomblé).

Muita coisa mudou: as leis ambientais, que fixam como crime, "sujar" a natureza, não sendo mais permitido os ebós, oferendas e rituais em matas e cachoeiras. Na conscientização de se preservá-la, os orixás, na sua sabedoria, com certeza agradecem e veicularão seu axé através dos seus elementos símbolos, no interior dos ilês.

Os beneficiados diretos serão os próprios praticantes, que terão uma natureza mais limpa, saudável e abundante, sendo casa vez mais uma fonte

inesgotável de axé. Também cabe uma atenção especial à uma alteração de comportamento, com relação ao uso do obéxirê (navalha), com o advento da AIDS e outras doenças contagiosas (hepatite, dengue, malária...), nas cerimônias de uso coletivo, como a da Sexta-feira santa, dia de abertura de "curas" nas casas de candomblé. Muitas já aderiram ao uso de lâmina descartável, adaptação correta e necessária. É óbvio e evidente que se deve preservar tudo que for possível em prol de uma identidade própria que a religião requer.

"CANDOMBLÉ É UMA RELIGIÃO PRIMITIVA COM HÁBITOS PRIMITIVOS."

ORÚN = O CÉU, O ALÉM, O ESPAÇO SOBRENATURAL, O OUTRO MUNDO, OUTRO PLANO.

AIYÉ = O MUNDO. O UNIVERSO FÍSICO CONCRETO.

"Quanto mais aprendemos sobre o mundo, quanto mais aprofundamos nosso conhecimento, mais específico e articulado será nosso conhecimento do que ignoramos - O CONHECIMENTO DA NOSSA IGNORÂNCIA . Essa de fato é a principal fonte da nossa ignorância: o fato de que o nosso conhecimento só pode ser finito, mas nossa ignorância deve necessariamente ser infinita."

4.1 UM POUCO DE TEOLOGIA YORUBANA

Numa densa síntese, a história nos informa que nos primórdios existia nada além de ar, Olorún era uma massa infinita de ar; quando começou a mover-se lentamente, a respirar, uma parte do ar transformou-se em massa de água, originado ÒRÌSÀNLÁ, o grande orixá-funfun, orixá do branco.

O ar e as águas moveram-se conjuntamente e uma parte deles mesmos, através de uma interação própria, transformou-se em lama. Dessa lama originou-se uma bolha ou montículo, primeira matéria dotada de forma, um rochedo

avermelhado e lamacento. Olorún admirou essa forma e soprou sobre o montículo, insuflando-lhe seu hálito e dando-lhe vida. Essa forma, a 1º dotada de existência individual, um rochedo de laterita, era Exú. Exú é o primeiro nascido da existência, símbolo de elemento procriado. (Essa história foi recitada pelo Sr DAVID AGBOOLA ADENEJI, ancião de IWO, na Nigéria).

A relação entre Olorún, proto-matéria do universo, o hálito - èmí - e o òfurufú, ar divino, com o elemento existencial que dá a vida o èmí é indiscutível. A posição de Orixalá na escala hierárquica e sua relação com o elemento água são igualmente indiscutíveis.

Os mitos revelam que, em épocas remotas, o aiyé e o orún não estavam separados. A existência não se desdobrava em dois níveis e os seres dos dois espaços iam de um lado a outro sem problemas. Os orixás habitavam o aiyé e os seres humanos podiam ir ao orún e voltar. Foi depois de uma interdição que a existência se desdobrou.

ÌTÀN (LENDA) da separação AYIE-ORÚN:

Havia uma mulher estéril que insistia em ORIXALÁ (divindade mestra da criação dos seres humanos), para que pudesse gerar um filho. Diante da insistência, ele permitiu com a condição de este filho, jamais pudesse sair do AIYÉ. O garoto ao atingir puberdade, despertou a curiosidade de ir ao Orún, um dia fugiu de casa, ultrapassou os limites do aiyé e entrou em orún gritando e desafiando Orixalá , atravessou os vários espaços que compõem o Orún até chegar em Orixalá. Este irritado lançou seu òpàxòro (cajado) que veio cravar-se em aiyé, separando-o para sempre de orún e entre os dois apareceu o SANMÒ (céu-atmosfera).

Existem nove espaços de orún (quatro deles situados sob a terra).

Um dos nomes mais conhecidos de OYÁ IGBALÉ (igbalé= voltar à terra, aquela que retorna à terra)) patrona dos mortos, é YÁSAN que deriva do seu ORÍKI: IYÁ-MESAN-ÒRUN - Mãe-dos-nove-òrun

É também saudada como Alákòko, senhora do òpákòko, tronco ou ramo da árvore akòko, tronco ritual que liga os nove espaços do orún ao aiyé, e o "assento" consagrado onde serão invocados os ancestrais.

4.2 UMA CASA DE CANDOMBLÉ

Para existir um Ilê (casa de candomblé), é necessário um Babalorixá ou Yialorixá, competente, iniciado dentro da lei, seguindo rigidamente ao longo dos seus anos de iniciação suas normas e preceitos, pois somente assim terá o aval, o consentimento, o axé necessário para desenvolvimento das suas atribuições, atributos esses consignados por seu iniciador no nosso plano material, e seu conseqüente desempenho com resultados positivos na sua comunidade, que só serão obtidos com a aquiescência dos orixás que os monitoram de forma permanente, permitindo ou até mesmo interrompendo uma situação de resultados realmente significativos, quer seja na sua leitura esotérica ou no trato com o povo.

Como ninguém planta de manhã para colher à tarde, um Ilê com axé, é estruturado com estudo, aprendizado, dedicação, humildade, respeito e principalmente, conduta ritual, a medida que vai "merecendo" os orixás vão lhe "dando" ao ponto de se obter uma estrutura suficiente, para o início das atividades de um novo Ilê. Em alguns casos, até mesmo por falta de um controle e fiscalização, por parte de uma Confederação legitimada, decorrente da não-organização dos adeptos, muitos por conveniência, têm casas que são verdadeiros comércios (não pelo fato de cobrarem algum benefício financeiro para sua manutenção e sustento) pelo exagero dos valores pedidos, aproveitando-se do medo e da inocência de algumas pessoas, outras instituem total libertinagem por conveniência de seus comandantes e comandados, outras pela sua ignorância ou mal iniciação, em vez de ajudarem acabam causando um mal maior, e, infelizmente somos abrigados a conviver com essas situações que denigrem como um todo a nação candomblecista;

Como Oxalá é sublime, essas barreiras de alguma forma são superadas, não colocando em risco a religião yorubá, e tão-somente fornecendo subsídios a algumas alas de algumas Igrejas, que se aproveitam desses casos de exceções para se enaltecerem e nos escrachar, com objetivos de "angariar" mais fiéis, visando uma melhoria de arrecadação, mas como Deus é único, de alguma forma nos protege e seguimos adiante. As pessoas que freqüentam uma casa de candomblé, basicamente são: praticantes, simpatizantes e usuários. A procura por esta religião tanto para prática como consulta, muito é em virtude de um atendimento pessoal e individualizado, em que as pessoas têm uma participação ativa, naquele instante a pessoa não é uma a mais numa multidão, mas o centro das atenções, de uma forma que possa canalizar toda sua fé, para obtenção do seu objetivo. Frise-se, que a fé é fundamental e necessária para qualquer intento, onde cada um deve fazer o melhor possível a sua parte, no caso de quem está sofrendo a ação, comparecer fisicamente com o material no dia e hora marcada, quando solicitado ou orientado para tal, e fazê-lo com muita fé e dedicação.

A Hierarquia

Observância de uma hierarquia rígida é o instrumento que mantém permanentes as instituições, como o Estado, o exército, a religião... sua tradução literal expressa: ordem e subordinação dos poderes eclesiásticos, civis e militares; graduação de autoridade, correspondente às várias categorias. Em princípio, é o tempo de iniciação religiosa que conta, vale o ditado - antiguidade é posto - seguido do Oye (cargo) que a pessoa ocupe; o mais velho é sempre o mais velho, não importa que o mais moço tenha seu cargo religioso de maior importância; exceção única, feita ao Babalorixá ou Yialorixá, que por poder absoluto, está acima de todo e qualquer outro.

De casa para casa ou de nação para nação, variam os cargos e seus nomes, e um ou outro detalhe da escala hierárquica, via de regra são: - abians - por exprimir uma vontade de participar, ou escolhido a fazer parte da comunidade, recebe do babalorixá, um fio de contas "lavado" (colar ritual, símbolo do orixá do neófito), ou tenha se submetido a um bori (dar "comida" à ori , cabeça física e astral); participam no Ilê, ajudando com tarefas civis, nas festas, na limpeza e arrumação e

decoreção do barracão, preparo de café e almoço, alguma ajuda na cozinha ritual, onde são preparadas as oferendas dos orixás e demais tarefas afins. - Iyawô - o iniciado, também chamado de adoxú (aquele que levou adoxum), neste período não lhes são revelados segredos, ficará recluso alguns dias (que variam de 7 a 21, conforme sua nação), num lugar chamado roncó ou camarinha, um quarto fechado, com algumas esteiras, é confiado aos cuidados do seu ojúbonà (pai-pequeno ou pai-criador) que o auxiliará e ensinará alguns comportamentos durante todo período da iniciação, o qual juntamente com o iniciado, manterá resguardo neste período.

Em um primeiro momento, é feita a raspagem do cabelo, símbolo de submissão e humildade e preparo do oxú (o alto da cabeça, a moleira astral, chacra principal do corpo humano) para as obrigações principais. Neste período, o iniciado tem como objetivo principal receber axé, a qual será responsável, pelo seu aumento e manutenção, através da rígida observância, da sua conduta ritual.

Completados sete anos de iniciação, os iyawôs , após fazerem sua "obrigação" ritualística que os 7 anos requerem, tornam-se ègbónmí (egbomi - "irmão mais velho"), e tem direito a ter seu próprio Ilê com a bênção e autorização do seu babalorixá, bem como poderá fazer parte do grupo dos Oloiês. - Oloiês`-, podem adoxús ou não-adoxús; os OGÃS, que quer dizer - chefe - podendo em alguns casos, ter seus otuns e osis ; os postos de AXOGUN, ALABÊ, OGOTUN, AFICODÉ, IPERIODÉ, ELEMÓXÓ, ILÊIGBÓ, PEJIGAN em paralelo a IYAEGBÉ, IYAKEKERÉ (mãe pequena), BABÁKEKERÊ (pai pequeno), YÍAMORÔ, AJOIÊ ou EKÉDE, DAGÃ, SIDAGÃ, em casa de Xangô, o cargo da KOLABÁ, a IYÁ SIHA (relacionado a um ato litúrgico de Oxalá), IYÁEFUN(BABÁ), IYÁLOSSAIN (BABÁ), IYÁBASÉ. Mais especificamente no ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ tem os OBÁS DE XANGÔ, seis da direita (otuns), com voz e voto; seis da esquerda (osis) somente com voz. - Agbá - duas condições a um só tempo:

a) antiguidade iniciática (mais de 50 anos);

b) antiguidade cronológica (mais de 60 anos). - Iyálorixá - (Iyálaxé)/Babalorixá. Uma fila hierárquica, a exemplo da que acontece nas "Águas de Oxalá" assim e procede: Iyálorixá (babá), seguindo os demais Adoxú, quer sejam oloiês ou não, de acordo com o tempo de iniciação, sempre o mais velho na frente

do mais moço, sendo a segunda da fila a(o) Iyáegbé (mais velho(a) adoxú do axé e segue a fila de acordo com o tempo de iniciação, atrás do último adoxú, alternando-se ogans e ajiés, de acordo com o tempo de confirmação, atrás virão ao abians. O mais velho é tudo; sempre se é iyawô para o imediato "mais velho", no próprio "barco" (mais de um iniciado recolhido ao roncó para iniciação) de iyawôs encontramos a figura do mais velho, chamado dofono , e sucessivamente dofonitinho, fomo, fomotinho, gamo gamotinho... ao dofono é aquele a quem se pede a bênção em primeiro lugar, devendo, este, contudo, ser o primeiro a servir seus demais irmãos mais moços. É muito importante o mais velho se colocar no difícil papel; é o responsável - sem que muitas vezes saiba - pelo futuro do seu mais novo, seus anseios, esperanças, fantasias...

5 FUNDAMENTOS PARA A NECESSIDADE RELIGIOSA

5.1 FUNDAMENTOS PARA A NECESSIDADE RELIGIOSA

O medo do desconhecido e a necessidade de dar sentido ao mundo que o cerca levaram o homem a fundar diversos sistemas de crenças, cerimônias e cultos muitas vezes centrados na figura de um ente supremo, que o ajudam a compreender o significado último de sua própria natureza. Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, nas primeiras formas de religião.

Religião (do latim *religio*, cognato de *religare*, "ligar", "apertar", "atar", com referência a laços que unam o homem à divindade) é como o conjunto de relações teóricas e práticas estabelecidas entre os homens e uma potência superior, à qual se rende culto, individual ou coletivo, por seu caráter divino e sagrado. Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações. (SCHWARTZ et al, 1993, p. 90)

Essa definição abrange tanto as religiões dos povos ditos primitivos quanto as formas mais complexas de organização dos vários sistemas religiosos, embora variem muito o conceito sobre o conteúdo e a natureza da experiência religiosa. Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço, as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado (definição do filósofo e teólogo alemão Rudolf Otto) e a dependência do homem de poderes supramundanos (definição do teólogo alemão Friedrich Schleiermacher). A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a idéia da existência do ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana. (SCHWARTZ et al, 1993, p. 91)

5.1.1 A natureza Essencial do Homem

Diferentes concepções a respeito dos elementos essenciais da natureza humana ocorrem na história, desde tempos antigos. Os conceitos relevantes neste cenário, todavia, têm sido a "dicotomia" e a "tricotomia". O primeiro distingue duas partes essenciais no homem: o corpo e a alma. O segundo procura demonstrar a triunidade humana: o corpo, alma e o espírito. "Ambas as opiniões são corretas, quando bem compreendidas. O espírito e a alma representam os dois lados da substância não-física do homem (...) espírito e alma representam os dois lados da natureza espiritual".

A Bíblia, não se preocupa com uma clara distinção entre elementos espirituais (alma e espírito), às vezes apresentando-os como sinônimos. No entanto, para um estudo mais profundo, faz-se necessária uma exegese dos termos:

A Dicotomia

Esta corrente distingue dois elementos no homem (corpo e alma) onde o primeiro é finito, mortal e o segundo é imortal, não ficando limitado ao mundo presente. Os seguidores deste conceito foram os teólogos da Igreja Latina, a partir do IV século d.C., o expoente foi Agostinho, através de sua psicologia. Durante a idade média, ganhou força de crença comum, com o escolasticismo de Tomás de Aquino e outros. Com a reforma, muitos continuaram com este ponto de vista.

A Tricotomia

Esta doutrina foi esposada pelos Pais da Igreja, desde o princípio, mormente da Igreja Alexandrina ou grega, estendendo-se, com alguns representantes, durante a idade média. A partir do século XIX., o movimento tomou força com os teólogos alemães e ingleses, como Roos, Olshausen, Beck, Letitizéh, Auberlen, Oehler, Heard e outros. Esta corrente foi profundamente influenciada pela filosofia grega.

a) O corpo humano

Como entidade físico-biológica, esta parte do homem dispensa maior

aprofundamento em seu estudo, de vez que os avanços científicos têm esquadrihado seus pormenores. O vocábulo grego "soma" (corpo) é a palavra usada no Novo Testamento. Teologicamente, o que interessa é a função por este desempenhada no correr da vida, em relação ao propósito divino na sua formação. Aplicam-se ao "corpo" as seguintes expressões bíblicas: monismo; a autotranscendência e espiritualidade do homem; base psicológica; base sociológica; base filosófica; e base teológica.

b) A alma humana

O termo hebraico usual é "*nephesh*" e ocorre no Antigo Testamento por 754 vezes. Conforme Gênesis 2.7 deixa claro, seu significado primário é "possuidora de vida"; por este motivo, é aplicado tanto ao homem quanto aos animais. Algumas vezes a alma é identificada com o sangue, como algo essencial a existência física (Gênesis 9.4; Levítico 17.10-14; Deuteronômio 12.22-24). Em muitos casos, indica princípio da vida.

c) Espírito Humano

O vocábulo hebraico "*ruah*" ocorre no Antigo Testamento 378 vezes e seu correspondente grego "*pneuma*" ocorre 220 vezes no Novo Testamento.

No Antigo Testamento, geralmente se confunde com o termo "*nephesh*" (alma), pois não havia uma preocupação dos escritores em distinguir as duas coisas; entretanto, no Novo Testamento o termo "*pneuma*" (espírito) é usado com ênfase para as coisas mais elevadas, sobretudo nas epístolas paulinas; esta predileção decorre da natureza do espírito que aspira um contato efetivo com o Criador Triúno, pela intermediação do Espírito Santo.

5.1.2 As Tendências Religiosas No Comportamento Humano

De cada um de nós, Deus possui duas imagens: a imagem do que somos, e a imagem do que poderíamos ser, segundo o projeto divino. Nós valemos não pelo que dizemos ou prometemos, mas por aquilo que somos como pessoa, como cidadão. Temos tendências místicas, religiosas, e sofremos também o apelo da

matéria. O bem e o mal disputam espaço entre nós. É a dialética existencial que nos marca, divide e desafia dia e noite.

Há no comportamento humano, um jogo de cena: com freqüência ele volta sua atenção para o cultivo das aparências. Essas impressionam bem mais que a dura realidade. Por vezes, as aparências respondem justamente ao desejo de ocultar a miséria pessoal. Com o passar do tempo, o ser humano revela-se incapaz de conviver com sua própria realidade e faz das aparências sua forma de ser. É a máscara. Com alguma esperteza, ele imagina que as outras pessoas seriam levadas a acreditá-lo transparente e veraz. O pior momento desse truque é quando ele supõe ingenuamente que, podendo enganar a si mesmo e aos outros, possa fazer o mesmo com Deus. Jesus delineou esta ilusão na figura do fariseu que não hesita em contar vantagens em sua oração, já o publicano, consciente de sua degradação moral, faz apelo à Misericórdia Divina; "tem compaixão do pecador que eu sou!" (Lc 18.13).

Se Deus, na criação imprimiu no ser humano sua imagem, não há caminho de vida sem rigorosa fidelidade a ela. Quem investe nas aparências será personagem, jamais pessoa. Verdadeiramente é admirável, o verbo de Deus, no Espírito Santo, fazendo com que Ele se infunda de tal modo na alma, que ela se una a Deus, e em nada se alegre fora de Deus (Sta. Maria Madalena de PAZZI).

5.1.3 A Influência Da Religião No Comportamento Humano

Na opinião de Carl Gustav Jung, a experiência religiosa pode ser um dos caminhos para a ocorrência da modificação interior do indivíduo. Por meio da aceitação do mundo sagrado as pessoas estariam voltando a si mesmas, aceitando-se e reconciliando-se com seus impulsos.

Não é diferente o pensamento do sociólogo Roger Bastide (1978, p. 229). "Para ele, *hay una vida religiosa que es regresiva y patológica y hay otra que es progresiva y formadora de personalidades sanas*". De fato, a experiência religiosa devolve o sentido da existência, conforma nas perdas, ensina a importância de se amar o próximo, de ser solidário, enfim é capaz de resgatar os nossos valores

humanitários e os nossos sonhos. O sentimento religioso nos dá a sensação de reconciliação com o universo, de comunhão com algo que nos transcende.

Esses sentimentos altruístas que a religião é capaz de inspirar são essenciais para readaptação social de pessoas com dificuldade de reintegração social, pois apontam uma nova escala de valores e condutas, novos hábitos e novas maneiras de se superar as dores, as perdas, os vícios e as revoltas. É verdade que existem algumas restrições à prática religiosa que, de certa forma, dificulta, se admita e se compreenda a validade e eficácia desse instrumento de reeducação.

Possuem, tais objeções, uma origem histórica. Surgiram a partir de uma época em que o racionalismo glacial inaugurou uma era exclusivamente matemática e científica, seguida de uma época que impôs uma filosofia de redução do homem. Dentro dessa concepção, não havia espaço para a religiosidade humana, que era rotulada de absurda e ingênua. Todas as restrições à prática religiosa, contudo, não foram suficientes para suplantam a importância da religião na vida do homem e de suas relações com o meio em que vive. Vários profissionais que estudam o comportamento humano e suas relações com o meio social defendem a importância da religiosidade como fator de estabilidade emocional do ser humano, evitando o desencadeamento de atitudes destrutivas, agressivas e intolerantes.

Para o antropólogo Mircea ELIADE (apud SCHWARTZ et al, 1993, p. 89) é impossível olhar o outro com desprezo quando compreendemos o valor supremo do sagrado e a unidade planetária do gênero humano. A consciência religiosa possui, comprovadamente, a capacidade de colaborar para o reequilíbrio das personalidades desajustadas, auxiliando na recuperação dos vícios, depressões, enfim confortando nas dores e sofrimentos que todos sentimos.

Dessa forma, há a necessidade de que os profissionais que lutam pela ressocialização de policiais-militares tenham consciência da marcante e benéfica influência da religião no comportamento humano, compreendendo que a crença religiosa é capaz de transformar para melhor vida do homem livre ou encarcerado.

Havendo essa compreensão, perceber-se-á o quanto é fundamental que se dê aos policiais-militares condições de expressarem a sua religiosidade ou de se conscientizarem de que ela existe. Faz-se urgente que as atividades religiosas dentro dos estabelecimentos militares sejam sistematizadas, melhoradas e

expandidas, possibilitando o ensino religioso, leitura, diálogo e conforto espiritual.

Tais medidas contribuirão expressivamente para a evolução moral e cultural dos policiais-militares. É preciso que compreendam que a religião é um fator preponderante para a transformação moral do policial-militar. Com a conversão religiosa o indivíduo se reforma completamente, surgindo uma pessoa com mais perspectivas de vida e mais amor.

5.2 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

5.2.1 Reconhecimento da Teologia como Ciência pelo MEC

O ensino de Teologia no Brasil começou com a vinda dos primeiros missionários portugueses e com a necessidade de formar quadros para as ordens religiosas e as dioceses da nascente colônia. Sob o regime do Padroado, a Teologia ensinada nos seminários devia cumprir sua função de transmitir a doutrina dos manuais da escolástica tardia e da contra-reforma, treinar a oratória sacra, formar os confesores e por último reforçar a lealdade dos sacerdotes a El Rei e à Coroa. Como religião oficial e exclusiva da metrópole e de sua colônia, o catolicismo teve que pagar altos dividendos pelo privilégio da exclusividade. Um deles foi o formalismo, o engessamento e a falta de criatividade da pouca teologia que aqui se praticou.

Com a crise pombalina, a expulsão dos jesuítas em 1759 e a posterior proibição às ordens religiosas de receber noviços, o quadro da formação teológica deteriorou-se. Apenas na segunda metade do séc. XIX, já no contexto da Questão Religiosa, da anterior fundação do Seminário do Caraça e da realização do Concílio Vaticano I em 1870, é que os bispos brasileiros refundaram institutos e trouxeram novas congregações religiosas da Europa para assumirem o ensino da Teologia.

Este processo, conhecido como romanização do catolicismo brasileiro, produziu um elevado grau de clericalização na Igreja brasileira e na teologia, o que contribuiu para muitos confrontos com setores mais positivistas dentro do movimento republicano. Declarada a separação oficial da Igreja e do Estado, oficialmente com a

proclamação da república em 1889, a Teologia - e as Ciências da Religião em geral - foi relegada a mero estudo das coisas eclesiais e assim tratada por ambas as partes. Foi apenas no quadro atual, de uma sociedade de fato plurirreligiosa e pluriconfessional, marcada pela emancipação da Teologia do peso de ser porta-voz da estrutura eclesial, pela contribuição teórica e prática dada pela Teologia latino-americana da libertação ao processo de democratização da sociedade e à luta pelos direitos humanos, pelo ressurgimento de inúmeros movimentos religiosos e, ainda, pelo inegável avanço epistemológico acontecido no âmbito da própria razão científica ocidental - cuja crise de paradigmas aponta hoje para as teorias da complexidade é que se criaram as condições para o reconhecimento oficial da Teologia, enquanto disciplina e conhecimento acadêmico em pé de igualdade com as demais ciências humanas e do espírito.

5.2.2 A Importância Do Sentimento Religioso

Se durante séculos religião e ciência ocuparam domínios completamente separados, essa virada de milênio reservou uma reviravolta no assunto. De parte a parte, ciência e religião vêm mostrando um mútuo interesse de aproximação. João Paulo II marcou essa tendência na encíclica *Fides et Rati* (1998), em que afirma que "a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade".

Em sintonia com "a abertura da igreja, numerosos cientistas manifestam não somente o desejo de corresponder ao apelo aproximativo, mas, concretamente, realizam investigações científicas sobre as variadas circunstâncias da religião na vida dos homens. Assim, atualmente é comum o desenvolvimento de pesquisas sobre a temática, tanto nos veículos especializados quanto nos meios variados da mídia.

A área da saúde é uma das que, mais precoce e profundamente, tem investigado o tema medicina versus religiosidade. O setor médico, em especial, dedica, há algumas décadas, sobretudo a dos anos 90, uma grande atenção ao tema. Quem não ficaria estarecido até bem pouco, seja médico ou religioso, diante

de afirmativas como: estados de meditação profunda, de experiências místicas intensas ou de imersão religiosa associam-se às alterações eletroencefalográficas; técnicas de imagens cerebrais, tipo Spect (*single photon emission computed tomography*) ou Pet (*positron emission tomography*), ou ressonância magnética mostram aumento de atividade em algumas áreas cerebrais e diminuição em outras áreas durante os estados mentais-corporais antes referidos; experiências místicas e meditativas são processos, provavelmente, mensuráveis e quantificáveis; o bem-estar espiritual é uma das dimensões de avaliação do estado de saúde, nas dimensões corporais, psíquicas e sociais; médicos defendem que a reza intercessória (por outrem) pode ser um fator coadjuvante no tratamento de pacientes cardíacos.

Qualquer dessas afirmativas soaria, há duas ou três décadas, como algo completamente estranho e ilegítimo, tanto ao pensamento religioso quanto ao científico. Ciência e religião eram campos historicamente opostos, pelo menos, na cultura do ocidente. O apego da cultura ocidental por um pensamento linear (causalista e simplificador) e seu encantamento pelos avanços tecnológicos e sua crença numa filosofia empirista - em síntese, a adição ocidental ao positivismo estrito - configuram um conjunto de condições que, provavelmente, proporcionaram o isolamento e estimularam os conflitos entre religiosidade e pensamento científico.

Hoje, afirmar que a religiosidade de uma pessoa afeta seu corpo, sua mente, sua interação com os outros, além de seu espírito soa menos estranho, embora ainda seja, em muitos círculos, motivo para desconfiança e inquietação.

Atualmente, os estudos sobre os efeitos da religiosidade já se mostram sustentados por algumas evidências, inclusive empíricas. Estudos com Pet, em sujeitos capazes de meditação profunda praticando ioga, mostraram um aumento do metabolismo da glicose cerebral, quando se avaliou a relação dessa atividade metabólica entre as zonas frontal e occipital.

Na mesma direção, estudos evidenciaram aumento significativo da atividade cerebral, na região do córtex pré-frontal, durante a meditação, o que é consistente com o processo de atenção focalizada. O exame mais detalhado das relações entre religiosidade e condições físicas, psíquicas e sociais do indivíduo só pode ocorrer

depois que a cultura conseguiu desatrelar-se do pensamento positivista estrito, dominante até o século XX. Nas últimas décadas, o processo de emergência de um novo paradigma, fato que está ainda a ocorrer, é que deu sustentação para que, em lugar de distanciamento e desconfiança, surgisse proximidade e interesse recíproco a religiosos e cientistas.

Atualmente, há numerosas investigações que promovem a interface religião e psicologia. Nas últimas décadas, surgiu uma volumosa bibliografia que explora, desde a análise teórica do tema até sua exploração, por meio da pesquisa empírica em diferentes partes do mundo (em Portugal, Martins), inclusive no Brasil. Até o início dos anos 60, os estudos eram dispersos. Foi nessa mesma época que surgiram as primeiras revistas científicas especializadas, entre eles o *Journal Of Religion and Health*, que iniciou em 1961. De qualquer modo, apenas mais recentemente surgiram estudos em que a metodologia trouxe maior clareza às tentativas anteriores de sumarizar os achados das pesquisas prévias.

5.2.3 A Importância da Assistência Religiosa para o Policial-Militar

Existem vários órgãos postulantes da segurança pública, dentre os quais a Polícia Militar, cuja missão constitucional é a polícia ostensiva e preservação da ordem pública. Por ser órgão inibidor de delitos, constantemente tornou-se alvo de críticas na sua atuação diuturna. Diante das críticas estão a falta de preparo do policial e o envolvimento com a corrupção e a violência, falhas predominantes do desvio de conduta, tão exploradas pela mídia.

A imagem da Instituição constantemente fica exposta à crítica em razão da má formação de caráter de alguns dos seus componentes, em virtude da possibilidade da falência da família, célula maior da sociedade e originária do homem. A PM sofre com os paradoxos em virtude de comportamentos não esperados de alguns dos seus integrantes. Os paradoxos da instituição merecem atenção especial no estudo deontológico por ser postulante da falta de vigilância moral.

A PM entendendo da necessidade da aproximação do homem com Deus,

devido à preocupação com a imagem e com a qualidade de vida de seus integrantes e famílias, não tem apenas cumprido o mandamento constitucional previsto no Art. 5º inciso VI, entretanto, devido ao número elevado dos seus integrantes, há necessidade de criar uma política engajada com as demais assistências oferecidas para intensificar a evangelização no âmbito da PMPR.

5.3 ASSISTÊNCIA RELIGIOSA COMO FATOR MOTIVACIONAL PARA A MUDANÇA DO COMPORTAMENTO DO POLICIAL-MILITAR NA PREVENÇÃO DE CONDUTAS IRREGULARES.

O trabalho policial é muito mais complexo do que dele possa pensar o público ou até mesmo a própria Polícia. Ambos os grupos têm uma tendência a dramatizar o papel desempenhado por essa instituição em relação à repressão do delito e à captura dos delinqüentes.

5.3.1 As Principais Funções Policiais

Wilson (apud RICO, 1992) foi um dos primeiros a examinar detalhadamente as funções policiais e agrupá-las por tarefas, tais como a compilação de informação, a manutenção da ordem, a repressão do delito e a realização de diversos serviços sociais.

Utilizando a classificação proposta pela doutrina, a Polícia desempenha atualmente as seguintes funções dependendo da época ou país, quais sejam: prevenir e reprimir as condutas que, segundo a opinião geral, atentem contra a vida e a propriedade de forma grave; aplicar as leis e os regulamentos vigentes; manter a ordem pública, em conformidade com os princípios do direito; prestar socorro às pessoas que foram ou que passaram a ser vítimas de delitos de violência ou de acidentes graves; proteger as garantias constitucionais; facilitar a circulação de pessoas e veículos; ajudar as pessoas que não podem cuidar de si mesmas (alcoólatras e viciados em drogas, deficientes mentais, incapacitados, jovens, pessoas de idade, abandonados etc.); resolver conflitos entre indivíduos e grupos de indivíduos; detectar os problemas relacionados com os cidadãos, a Polícia ou

Governo, que podem agravar-se; criar e manter um clima de confiança na comunidade; realizar certo número de atividades sociais relacionadas com essa sociedade; garantir os serviços fundamentais em caso de urgências; cooperar com os órgãos especializados na ressocialização de delinqüentes; executar diversas decisões judiciais ou administrativas para as quais seja necessário o uso da força; obter diversas informações, em especial as relacionadas com a criminalidade e a ordem pública.

5.3.1.1 Relações com a comunidade

O exercício das diversas funções e, em particular, o das funções de carácter social, integra a Polícia na vida diária dos cidadãos. A eficácia dessa integração irá depender, em grande parte, da imagem que o público tem da Polícia e da que esta tem daquele. Por outro lado, a evolução da sociedade pode ter incidências previsíveis tanto sobre o conjunto do sistema penal quanto sobre a instituição policial.

A polícia deve estar a serviço da comunidade, sendo a sua razão de existir garantir ao cidadão o exercício livre e pacífico dos direitos que a lei lhe reconhece. Isso implica: uma adaptação dos serviços policiais às necessidades reais da comunidade; a ausência de qualquer tipo de ingerência política indevida nas atuações policiais; a colaboração do público no cumprimento de certas funções policiais.

Evitar o isolamento social da Polícia, favorece os contatos com a população e proporciona um melhor conhecimento das reais necessidades da comunidade e pode dessa maneira, oferecer uma resposta mais adequada aos seus problemas (em particular se levarmos em conta que aproximadamente 80% do trabalho policial é de carácter social).

5.3.1.2 O serviço da polícia

Encarregada da aplicação das leis e da manutenção da ordem pública, a Polícia foi sempre um órgão estatal com características peculiares que a distingue dos demais setores cujo conjunto denomina-se comumente "administração da justiça". A principal delas é a de estar constantemente em contato direto, não somente com a realidade criminal (crime e delinqüente), mas também com o público em geral. A Polícia é, uma instituição social cujas origens remontam às primeiras aglomerações urbanas, motivo pelo qual ela apresenta a dupla originalidade de ser uma das formas mais antigas. de proteção social, assim como a principal forma de expressão da autoridade.

A polícia deve ser um serviço democrático, requerendo a adoção e aplicação de um código de deontologia policial; a participação de todos os integrantes do serviço e do conjunto da população na elaboração das políticas policiais; a aceitação da obrigação de prestar contas, periodicamente, das suas atividades.

5.3.1.3 Profissão policial e a ética

A polícia deve ser um serviço profissional. São critérios necessários para um verdadeiro profissionalismo policial: a formação especializada de seu pessoal, e a existência de um código de ética profissional.

A história tem demonstrado que as nações progrediram e cresceram ao passo que desenvolvem individualmente o cidadão. Lei e ordem, sem prejuízo da liberdade individual, somente podem ser mantidas quando a ética pessoal do cidadão apóie e chame pelas leis do Estado. Um bom governo somente pode existir e persistir se enraizado no auto-governo dos milhões de cidadãos individualmente.

A qualidade de qualquer serviço de polícia depende, em grande parte, da qualidade dos homens que a compõem, e, por conseguinte, das políticas de recrutamento, formação, seleção e promoção, assim como das condições de trabalho que prevalecem nesse órgão. Além disso, a imagem da Polícia perante a opinião pública costuma estar relacionada com a excelência dos serviços prestados e das pessoas que são por eles responsáveis; em outras palavras, com o grau de profissionalismo do órgão. Quando se trata de serviços de certa envergadura, a

qualidade de tais serviços está estreitamente vinculada aos recursos materiais de que se dispõe. Todos esses elementos, assim como as funções específicas de qualquer órgão da polícia há de cumprir, podem transformar a Polícia numa subcultura particular da sociedade global, com as vantagens e os inconvenientes que isso implica.

Segundo FERREIRA et al (1985, p. 1) deontologia palavra de origem grega:

É a parte da filosofia que nos ensina como devemos proceder. Sócrates, Platão e Aristóteles preocuparam com ética, devido ser o homem um animal gregário, vivendo em sociedade, sentiram a necessidade de catalogar as melhores atitudes e procedimentos para evitar os possíveis atritos que fatalmente existiriam, se não houvesse normas de conduta que evitassem as questões surgidas com os interesses, por vezes conflitantes entre as pessoas.

Os problemas éticos caracterizam-se pela generalidade e isto distingue os problemas éticos dos problemas morais, já que os problemas relativos à moral são vividos em situações concretas. No entanto, a ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral. O serviço policial é uma arte dedicada à segurança e proteção da sociedade. É um chamamento ao serviço público. Neste empreendimento, os policiais estão constantemente envolvidos com problema de cunho ético. Como servidores públicos, os policiais têm por obrigação servir o público de forma imparcial e eficiente, sem consideração de status social.

O problema do crime é alarmante e assim tem sido por séculos. A realidade social em relação ao fenômeno do crime, a posição profissional do policial, deve ser pautada nas virtudes éticas, que incorporadas em seu comportamento, promoverão autoconfiança das sociedades como um todo, em relação ao seu papel constitucional.

O valor ético da responsabilidade do policial o leva a proporcionar segurança e comodidade à população. O valor ético da confiança decorre da apreciação e aceitação das responsabilidades concernentes à atividade. Outro valor importantíssimo é o da honestidade, até porque os policiais exercem a atividade

profissional na linha divisória entre o legal e o ilegal e constantemente encontram-se em posição de tentação ao uso de sua real ou pseudo-autoridade, em benefício próprio.

A postura ética não deseja condenar, mas antes evitar. A ética é uma compreensão e não uma condenação; reconhece a fraqueza humana e deseja evitar as tentações e punições. Não é condenatória, mas busca preservar e fixar o seu caminho entre as possibilidades humanas.

5.3.1.4 A qualificação profissional do policial

O recrutamento do pessoal policial deveria ser efetivado entre indivíduos com certo nível de educação, uma vez que isso aumenta teoricamente a qualidade e a eficácia dos serviços que a instituição oferece. O nível exato exigido poderá variar segundo as características socioeconômicas do país. Nos países mais ricos, esse nível poderia ser o de segundo grau, enquanto que, nos países com resultados limitados, deveria ser a da média da população.

As principais qualidades de qualquer policial deveriam ser inteligência, tato, espírito de iniciativa, bom-senso, coragem, imparcialidade, integridade e um adequado equilíbrio emocional. Mas não basta recrutar agentes. É necessário formá-los e prepará-los para as suas futuras funções. Essa formação e essa preparação requerem, no entanto, uma pedagogia especial. Isso se deve, entre outras causas, à multiplicidade constante de leis e regulamentos, à complexidade crescente das relações sociais e às numerosas e diversas tarefas alocadas aos policiais. De forma concreta, a formação básica do policial deveria ser ministrada dentro do marco normal da instituição de ensino existente (colégios, liceus, universidade), com o que ficariam assegurados desde o início os contatos entre os futuros agentes e a comunidade. Essa formação básica seria complementada nas escolas de polícia. Da mesma forma, deveria ser planejado um sistema periódico de capacitação do policial em serviço, assim como a possibilidade dele complementar a formação básica e cursar estudos universitários ou especializados.

5.3.1.5 Subcultura policial

A maioria dos grupos profissionais costuma compartilhar um sentimento análogo de pertinência e identificação e possuir inclusive uma estrutura de valores que o distingue da cultura dominante. Diversos autores consideram que a Polícia é uma subcultura no seio da comunidade global. Isso se deve, entre outras razões, às funções específicas que lhe são atribuídas, à sua estrutura paramilitar, o espírito de corpo que prevalece dentro dos serviços, aos critérios quase idênticos que servem de base para o recrutamento e seleção de pessoal e à maneira uniformizada de reagir diante do meio circundante. O isolamento social da Polícia constitui uma das conseqüências mais importantes e negativas da existência de tal subcultura policial.

6 A INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO NA PMPR

6.1 PRINCÍPIOS GERAIS DO CATOLICISMO

Doutrina Católica

Os Dogmas Da Igreja

Os dogmas são as verdades da nossa fé, ou seja, tudo aquilo em que nós, católicos, acreditamos e professamos como verdade revelada por Deus.

Na base de tudo está a nossa crença em que Cristo fundou a sua Igreja sobre Pedro e seus sucessores, e a ela confiou a missão de transmitir fielmente seus ensinamentos, prometendo-lhe sua assistência infalível (por meio do Espírito Santo) até o fim dos tempos (Mt 16,17-19; 28,19-20). Por isso dizemos no Credo: “Creio na santa Igreja Católica”. Isso é um dogma, ou seja, uma verdade de fé que não pode ser questionada. Quem não aceita a autoridade divina da Igreja, não pode considerar-se autenticamente católico.

A essa missão da Igreja, de ensinar em nome de Cristo, chamamos “Magistério”. Esse magistério se exerce de duas maneiras:

1) Magistério ordinário: o ensinamento unânime dos bispos do mundo inteiro, em comunhão com o Papa.

2) Magistério extraordinário: manifesta-se em condições especiais (dúvidas ou controvérsias que exijam uma definição solene). O Magistério extraordinário pode expressar-se pelas definições dos Concílios Ecumênicos (“ecumênico” no sentido de pleno, universal, que abrange a Igreja inteira), ou então pelas definições do Sumo Pontífice quando fala *ex cathedra*, ou seja, valendo-se expressamente de sua autoridade como sucessor de Pedro.

Duas coisas precisamos entender: primeiro, que não é necessária uma definição solene para que haja um dogma de fé. Todos os ensinamentos da Igreja merecem igual credibilidade, desde que haja a necessária unanimidade entre todos os bispos e a comunhão com o Papa. A opinião isolada de um ou outro bispo não representa a autoridade do Magistério da Igreja.

O segundo ponto importante é que os dogmas não se “criam”, não surgem “do nada”, estabelecendo como obrigatória, a partir de determinada data, uma verdade de fé que até então não era professada. A data da definição de um dogma não significa o “início da validade” de uma verdade de fé. Todas as definições do magistério extraordinário referem-se a pontos da doutrina já de há muito estabelecidos na Igreja e unanimemente professados, e que desde os tempos apostólicos já estavam ao menos implícitos na fé da Igreja, mas que precisaram ser solenemente definidos, em determinado momento, diante de dúvidas e controvérsias que surgiram.

Por exemplo, o dogma da infalibilidade do Papa (em matéria de fé e de moral) só foi definido em 1870, no Concílio Vaticano I, mas isso não significa que, antes disso, o ensinamento do Papa não fosse infalível, e sim que sua autoridade nunca tinha sido, até então, posta em dúvida de forma significativa, a ponto de exigir essa definição oficial.

Outra questão importante é que nem todos os ensinamentos da Igreja são dogmas de fé, ou seja, verdades imutáveis. De modo geral, os dogmas referem-se aos ensinamentos do próprio Cristo, que a Igreja não tem autoridade para mudar, como por exemplo a indissolubilidade do matrimônio, ou a fé na presença real de Cristo na Eucaristia.

Às vezes, alguns princípios podem não ter sido expressamente definidos por Cristo, mas estão subentendidos em suas atitudes, como por exemplo a atribuição do ministério sacerdotal exclusivamente a homens, que a Igreja também já afirmou não ter poder para mudar. Quando se trata, porém, de normas da Igreja, e não de um mandamento expresso de Cristo, há possibilidade de que essas normas venham a ser modificadas pela mesma Igreja, segundo as necessidades ou o contexto social e cultural de cada época, sempre com vistas ao melhor proveito espiritual e a uma

adequada compreensão dos mistérios da fé por parte dos fiéis. O conteúdo da fé não muda, mas sua expressão pode mudar, segundo o discernimento da Igreja em cada tempo. Assim, já no tempo dos apóstolos, diante de uma problemática nova que surgiu, o Espírito Santo inspirou à Igreja (reunida em concílio) o discernimento de que os costumes judeus não precisavam ser impostos aos pagãos convertidos ao cristianismo.

Em nossos dias, temos a questão da liturgia, que abandonou (embora não exclua) a língua latina em favor das línguas vernáculas, ou a posição do altar e do celebrante na Missa.

O que pode mudar (até certo ponto) é a expressão, não o conteúdo do mistério sacramental, como, por exemplo, o dogma da presença real de Cristo na Eucaristia.

O sacramento da reconciliação é outro cuja forma passou por muitas variações ao longo da história da Igreja, embora o essencial não mude, ou seja, a nossa fé no perdão dos pecados concedido por Deus nesse sacramento, por intermédio do sacerdote. A regra do celibato sacerdotal também não constitui dogma de fé, e pode ser mudada, se algum dia a Igreja o julgar conveniente.

De qualquer forma, permanece a obrigação de nos submetermos às normas hoje vigentes, ainda que no futuro elas venham a mudar. O caráter temporal de determinada regra não significa que sua obediência seja facultativa.

As primeiras verdades de fé foram definidas ainda pelos apóstolos, e são aquelas contidas no “Símbolo dos Apóstolos”, o Credo que rezamos sempre na Missa. Aos poucos, as controvérsias que foram surgindo tornaram necessário explicitar mais detalhadamente essas verdades, dando origem ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano, também usado na liturgia em algumas ocasiões especiais. Essa formulação mais completa do Credo (que explicitou, por exemplo, a doutrina da Santíssima Trindade) é fruto dos concílios de Nicéia I (325) e de Constantinopla I (381). Recentemente (em 1968) o Papa Paulo VI publicou o “Credo do Povo de Deus”, no qual explica detalhadamente e atualiza (diante dos modernos questionamentos) a profissão de fé católica.

A inspiração divina da Bíblia é dogma de fé, e o Magistério da Igreja definiu em 393, pela primeira vez, o catálogo dos livros que deviam ser considerados como divinamente inspirados. Todo o ensinamento da Igreja precisa estar em conformidade com as verdades bíblicas, o que não significa que a Bíblia seja a única fonte da fé em nossa Igreja, pois ela mesma recebe sua autoridade do Magistério, que lhe é anterior e ao qual está subordinada. Como os escritos bíblicos podem, muitas vezes, dar margem a interpretações diversas e até contraditórias, cabe ao Magistério da Igreja (segundo o ministério conferido por Jesus aos apóstolos) a autoridade para definir qual é a interpretação correta.

A doutrina quanto ao purgatório já era claramente professada no tempo de Santo Agostinho (século IV), e foi definida mais explicitamente em 1264, no II Concílio de Lião.

A concepção virginal de Jesus por Maria já era professada pelos primeiros cristãos, e já os Santos Padres (séculos II e III) atestavam sua virgindade perpétua, antes, durante e depois do nascimento de Jesus. Em 649, o Concílio regional de Latrão formulou essa doutrina. Em 431, o Concílio de Éfeso já tinha proclamado Maria como Mãe de Deus. Quase todas as verdades de fé não foram definidas oficialmente uma única vez, mas sim reafirmadas várias vezes, ao longo da história da Igreja.

Quanto às definições solenes *ex cathedra*, foram apenas doze ao longo de toda a história da Igreja. São elas:

- 1º) Em 449, S. Leão Magno professava a presença, em Cristo, de duas naturezas (humana e divina) e uma só pessoa (divina);
- 2º) Em 680, S. Agatão afirmou haver, em Cristo, duas vontades, a humana e a divina, sendo a humana submissa à divina;
- 3º) Em 1302, Bonifácio VIII afirmou a autoridade do Papa sobre todas as pessoas, no que diz respeito à vida eterna;
- 4º) Em 1336, Bento XII definiu que, logo após a morte corporal, as almas totalmente puras são admitidas à visão de Deus face-a-face;

5º) Em 1520, Leão X condenou, como heréticas, 41 das proposições de Lutero;

6º) Em 1653, Inocêncio X condenou algumas proposições da heresia jansenista, que subestimava o papel da graça divina na salvação; 7º) Em 1687, Inocêncio XI condenou a heresia quietista, que negava o papel do livre arbítrio humano na salvação;

8º) Em 1699, Inocêncio XII condenou ainda a doutrina quietista;

9º) Em 1713, Clemente XI condenou um ressurgimento do jansenismo;

10º) Em 1794, Pio VI condenou as proposições do Sínodo de Pistoia, que reivindicava uma Igreja de cunho nacionalista e regional, submetida mais ao Estado do que ao Papa;

11º) Em 1854, Pio IX definiu o dogma da Imaculada Conceição de Maria;

12º) Finalmente, em 1950, Pio XII definiu o dogma da Assunção Corporal de Maria.

Como se pode ver, os dogmas de nossa fé vão muito além das definições solenes *ex cathedra*. O magistério autêntico da Igreja merece igual crédito em todas as formas pelas quais se manifesta, em sua missão de guardar íntegro o depósito da fé a ela confiado por Jesus.

6.2 O CATOLICISMO NA PMPR

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA - SAR Capela Nossa Senhora Aparecida da PMPR

6.2.1 Serviços Prestados pela Capelania

Como Capelania Católica e atuando em sistema ecumênico, na Capela da PMPR há missas, batizados, casamentos, confissões, cursos, formações, aconselhamentos, Catequese de la Comunhão e de Crisma. Todo domingo há missa às 9:00 horas, na intenção de toda a Corporação. Antes da missa há confissões.

O Capelão realiza o Ritual de Exéquias na Capela Mortuária da AVM (R: Santo Antônio, 430, e está disponível para instruções e celebrações em todas as OPMs.

A secretaria da Capelania, com dois Praças, faz expediente sete dias por semana, só não há expediente no sábado pela manhã e no domingo à tarde. É ali que o Policial-Militar deve buscar informações sobre todo e qualquer serviço pertinente à Capelania. Longe de afastar o PM e sua família da Comunidade Religiosa do seu bairro, a Capelania estimula o PM a participar ativamente de sua Comunidade no seu bairro.

6.2.2 Batizados

Para solicitar o Sacramento do Batismo na Capela da PMPR, damos preferência para os Policiais-Militares, não deixando de fora os moradores vizinhos de nossa Capela.

O curso de Batismo é obrigatório na Capela. Há Curso de Preparação para o Batismo, para pais e padrinhos no 4 ° sábado de cada mês, às 14:00 horas. O

curso pode ser feito também em qualquer outra Comunidade Católica. Os Batizados são realizados no 2º e último domingo do mês.

6.2.3 Casamentos.

Na Capelania , atendemos Casamentos de Policiais e de filhos de PMs. Para marcar o Sacramento do Matrimônio, os noivos devem comparecer pessoalmente à Secretaria, com no mínimo dois meses de antecedência portando todos os documentos exigidos para confecção do Processo inclusive o Curso de noivos que não é ministrado nesta Capelania .

6.2.4 Catequese de 1ª Eucaristia e Crisma:

Tem inicio sempre no primeiro domingo de março de cada ano a Catequese de la Eucaristia, só são aceitas crianças que já estejam na 1ª Série ou que já tenham 12 anos, ou mais.

Para a Catequese de Crisma, só são aceitos jovens que estejam ou já cursaram a 8ª Série, ou que já tenham 14 anos completos.

Os encontros são realizados aos domingos, após a missa, na Capela da Polícia Militar e/ou no Colégio da Polícia Militar do Paraná. Porém, a orientação da Capelania é a de que a Catequese seja feita na Comunidade do bairro onde os pais freqüentam e residem.

6.2.5 Outras Atividades da Capelania da PMPR

Além de celebrar Missas, administrar os Sacramentos, o Pe. Alceu Luiz ORSO, Responsável pela Capelania da PMPR, está disponível, juntamente com seus auxiliares, 2º Sgt SOUZA (Diácono), 3º Sgt AURÉLIO e Sd SANTANA, para atender a todos que os procuram, em caso de visitas a doentes, orientação nos

problemas pessoais, confissões, aconselhamentos, Auxílio à Comunidade Carente (doações alimentares) etc.

Toda quarta- feira, é realizada na Capela do Corpo de Bombeiros, novena em honra à Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Toda 1ª quarta -feira de cada mês, às 8:00 horas, é feita a Missa, presidida pelo Pe. Alceu Luiz ORSO.

Dentre outras atividades, está o Grupo de Oração, que é realizado toda segunda-feira às 14:00horas, freqüentado por moradores e vizinhos da redondeza. Encontro da Pastoral da 3a Idade toda quinta-feira, às 14:00 h (Grupo Bem Viver) Coordenado pelo Maj. QOPM VICTOR.

Reunião do Serviço de Assistência Social - SAS/PMPR , (Grupo Amor Exigente) toda a terça-feira, às 13:00 horas.

6.2.6 Histórico da Capelania da PMPR.

A Capelania da Polícia Militar do Paraná foi fundada oficialmente por Portaria do Arcebispo Metropolitano de Curitiba, Dom Manoel da Silveira D'ELBOUX, no dia 06 de maio de 1960 e publicada oficialmente no Boletim do Quartel General da Polícia Militar no dia 19 de Outubro de 1961.

A Capelania foi colocada sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, com o objetivo de prestar assistência espiritual especializada aos membros da Polícia Militar do Paraná e seus familiares, cuja assistência compreende em missas, celebrações, catequese, bênçãos, exéquias e demais sacramentos da Igreja como: 1ª Comunhão, Crisma, Batizados, Casamentos, Confissões e Unção dos Enfermos.

- O **primeiro** capelão foi o Revmo. Pe. Jair FONZAR, Missionário Claretiano, incluído em data de 06 de maio de 1960.
- O **segundo** capelão foi o Revmo. Pe. João GURKA, da Congregação da missão, nomeado em 10 de Fevereiro de 1972.
- O **terceiro** capelão foi o Revmo. Pe. Donald Bernard QUILTY da Congregação do Santíssimo Redentor, nomeado em 28 de Julho de 1982, no posto de Major

Capelão por Decreto Governamental nº 5.271 de 28 de Julho de 1982.

- O **quarto** capelão foi o Revmo. Pe. Irineu Idaldo Basso SIMON, nomeado em 04 de julho de 1985 pelo Decreto nº 5846 de 04-07-85.

- O **quinto** capelão foi o Revmo. Pe. Lourenço MIKA, nomeado em 12 de Fevereiro de 1990 pelo Decreto nº 6.566 de 12/02/1990.

Obs.: O Revmo. Pe. Joaquim Batista MARTINS foi capelão civil auxiliar a partir de 1978 até 2003.

- O Revmo. Pe. Alceu Luiz ORSO, segundo Portaria nº 336/CG de 19 Abr 91 assumiu a Função de Capelão enquanto aguarda Decreto Governamental.

Obs.: atualmente a capelania tem em seu efetivo os seguintes membros:

Revmo. Pe. Alceu Luiz ORSO, capelão civil;

2º Sgt SOUZA, Diácono;

3º Sgt Marco AURÉLIO de Oliveira;

Sd QPM 1-0 Josué SANTANA da Silva.

7 A INTRODUÇÃO DO PROTESTANTISMO NA PMPR

7.1 PRINCÍPIOS GERAIS DO PROTESTANTISMO

O fundador do protestantismo foi Martinho Lutero. Para restaurar a catedral de São Paulo, o papa Leão X passou a vender indulgências, que diminuiriam a punição do pecador. Indignado com isso, em 31 de outubro de 1517 Lutero denunciou a prática. O papa o chamou de "alemão bêbado". Lutero disse que o papa não era "melhor do que qualquer outro pecador fedorento". Acabou excomungado.

Ao ser ameaçado com a fogueira, Lutero se refugiou na Alemanha, onde se dedicou à tradução do Novo Testamento do grego para o alemão.

Como líder espiritual da nova Igreja, que celebrava apenas os sacramentos do batismo e comunhão, Lutero lutou pela eliminação do celibato. Casou com a ex-freira Katharina von BORA.

Seus protestos se espalharam por toda a Europa, ganhando adesão de João Calvino, que sistematizou os pontos básicos do protestantismo.

O desejo de reconduzir o cristianismo à pureza primitiva e de livrar a igreja cristã da corrupção e do excessivo poder de Roma, deu origem, ao longo do século XVI, à Reforma Protestante.

Protestantismo é um termo empregado para designar um amplo espectro de igrejas cristãs que, embora tão diferentes entre si, como a Igreja Luterana e as Testemunhas de Jeová, compartilham princípios fundamentais como o da salvação pela graça de Deus mediante a fé, o reconhecimento da Bíblia como autoridade suprema e o sacerdócio comum de todos os fiéis.

O termo "protestante" tem origem no protesto de seis príncipes luteranos e 14 cidades alemãs em 19 de abril de 1529, quando a segunda dieta de Speyer, convocada pelo imperador Carlos V, revogou uma autorização concedida três anos antes para que cada príncipe determinasse a religião de seu próprio território. O termo foi logo adotado, de início pelos católicos e logo a seguir pelos próprios

partidários da Reforma, pois seu protesto, entendido como uma rejeição à autoridade de Roma, constituiu um claro sinal às diversas igrejas que se declaravam reformadas.

A disparidade e a progressiva subdivisão das igrejas protestantes (luteranos, calvinistas, anglicanos etc.) decorreram de seu próprio princípio original: a interpretação pessoal das Sagradas Escrituras sob a luz do Espírito Santo. A ênfase dada por algumas dessas igrejas aos Evangelhos como norma de vida e à experiência pessoal da conversão acabou por provocar o aparecimento de duas tendências no seio do protestantismo: a liberal e a fundamentalista, autodenominada evangélica.

Embora ambas as correntes tenham coexistido em algumas igrejas, a divergência acabou por provocar o surgimento de outras igrejas, entre as quais se destacam a Evangélica Alemã, a Evangélica Luterana e a Evangélica e Reformada. Apesar das diferenças existentes entre as diversas igrejas, as idéias fundamentais dos primeiros reformadores permaneceram inalteradas na maioria das denominações e credos protestantes.

O fundamento da doutrina protestante gira em torno da idéia da salvação unicamente pela fé. Martinho Lutero e os demais reformadores baseavam esta exclusividade na natureza corrupta do homem por causa do pecado original e, por conseguinte, em sua incapacidade para realizar boas obras aceitáveis por Deus.

Dessa maneira, a salvação seria uma graça que envolve a natureza humana, sem penetrá-la, e que a apresenta como justa ante Deus. Essa concepção difere da católica, segundo a qual a graça é conferida pelos sacramentos, entendidos não como novos intermediários entre Deus e os homens, mas como prolongamento da ação de Cristo que transforma internamente a natureza humana. Os protestantes sempre recusaram qualquer pretexto de mediação da igreja, até mesmo por meio dos sacramentos.

Com base na natureza corrupta do homem, os protestantes negaram também a liberdade e deram maior ênfase à predestinação, devida somente à vontade de Deus, sem participação humana. João Calvino levou tal tese às últimas

conseqüências lógicas ao afirmar a dupla predestinação - para a salvação e para a condenação. Por sua vez, a idéia da predestinação trouxe consigo a ânsia de manifestar sinais da escolha divina, que tinham de ser pessoais e que foram postos no sentimento ou na prosperidade econômica.

De acordo com a mesma linha de evitar a intromissão de uma hierarquia eclesiástica, o sacerdócio comum dos fiéis é o segundo ponto fundamental da doutrina protestante. Os reformadores insistiram no princípio bíblico de que Cristo é o único sacerdote, mediador ante o Pai, e que todo o povo incorporado a Cristo constitui o sacerdócio da nova lei. Os protestantes rejeitam, portanto, o sacerdócio ministerial, ou seja, negam um sacramento que torne sacerdotes determinados membros da comunidade. A radicalização dessa idéia levou diversas igrejas a substituir o regime episcopal pelo presbiteriano ou pelo congregacionista, que transferem a direção eclesiástica à comunidade.

A única autoridade reconhecida pelos protestantes em matéria de fé e de costumes é a palavra de Deus, constante das Sagradas Escrituras. A palavra atua por seu contato pessoal mediante a ação do Espírito Santo, engendrando a fé, e com ela a salvação. Daí a importância da pregação da palavra de Deus, assim como da tradução da Bíblia para as línguas vernáculas, iniciada por Lutero, e da interpretação pessoal ou livre exame dos textos bíblicos.

A propagação do protestantismo pela Europa e América, assim como a multiplicidade de interpretações doutrinárias surgidas ao longo de sua evolução histórica, deu origem, já no século XVI, à progressiva divisão das primeiras igrejas protestantes.

Na Inglaterra, depois do breve e sangrento período católico de Maria Tudor, que governou de 1553 a 1558, a rainha Elizabeth I restabeleceu a autonomia da Igreja Anglicana, ao promulgar, em 1559, o Estatuto de Supremacia e o Estatuto de Uniformidade, e em 1563 os Trinta e nove artigos, uma compilação das doutrinas cristãs consideradas fundamentais pelo protestantismo anglicano.

Ao contrário do que ocorrera na Inglaterra, onde de início o calvinismo se chocou com a igreja oficial, na Escócia ele não tardou em transformar-se na religião

principal, graças aos esforços de John KNOX, no século XVI, que contribuiu ativamente para a instauração do presbiterianismo.

O movimento pietista exerceu considerável influência sobre o metodismo, fundado no século XVIII pelo teólogo inglês John WESLEY, que, com seu irmão Charles e seu amigo George WHITEFIELD difundiu entre os estudantes da Universidade de Oxford uma série de métodos de vida cristã para reativar o sentimento religioso. Embora os fundadores do grupo divergissem doutrinariamente quanto à idéia da predestinação, defendiam em comum a necessidade não apenas da fé, mas também da prática de boas ações.

A difusão das doutrinas metodistas pela Europa, e sobretudo pelos Estados Unidos, deu origem no século XIX a um redespertar do protestantismo, caracterizado pela associação à teologia tradicional de uma espiritualidade sentimental e por uma profunda preocupação com os problemas morais e sociais.

O reexame e a crítica dos textos bíblicos, e até mesmo da própria razão de ser do cristianismo - que teólogos e intelectuais protestantes iniciaram no século XIX sob influência do racionalismo então imperante - deram lugar ao desenvolvimento de uma nova teologia liberal, cujos representantes mais destacados foram os alemães Friedrich SCHLEIERMACHER e Albrecht RITSCHL. Suas teorias sobre a salvação pela fé, que para o primeiro residia na experiência religiosa pessoal e para o segundo na necessidade social que o homem sente de Deus, constituíram a base do pensamento protestante do século XIX.

A teologia liberal conduziu também a um enorme desenvolvimento da pesquisa bíblica, com uma orientação historicista. Os estudos críticos dos livros do Antigo e do Novo Testamento feitos por Ferdinand Christian BAUR, Joseph Barber LIGHTFOOT e Adolf Von HARNACK lançaram nova luz sobre as interpretações tradicionais da Bíblia.

Movimento ecumênico protestante: O trabalho missionário e assistencial decorrente da propagação do protestantismo na Ásia e na África e a necessidade de atender às numerosas seitas que proliferaram nos Estados Unidos, levaram à busca da unidade e da ação conjunta das diversas igrejas protestantes. A Conferência

Missionária Mundial, realizada na cidade de Edimburgo em 1910, marcou o início desse movimento ecumênico e foi o germe de novos congressos e conferências - Estocolmo, em 1925 e Oxford em 1939 - que conduziram à constituição do Conselho Mundial de Igrejas, cuja primeira reunião ocorreu em Amsterdam em 1948. A partir de então, o desenvolvimento do movimento protestante foi muito grande.

Protestantismo no Brasil: Afora a efêmera tentativa, por parte de huguenotes franceses, para fundar uma colônia no Rio de Janeiro no século XVI, a única manifestação do protestantismo no Brasil, até inícios do século XIX, se deu durante a ocupação holandesa de Pernambuco, no período 1630-1654. Data de 1824 o surgimento das primeiras igrejas luteranas no Brasil. Na década de 1850, instalaram-se no país igrejas congregacionais e presbiterianas, fundadas por missionários americanos. A esses grupos seguiram-se metodistas, batistas e episcopais. Na segunda metade do século XX, difundiram-se sobretudo grupos de caráter pentecostal.

Depois dessas reformas, os ramos protestantes se multiplicaram e hoje são mais de 200.

7.2 A COMUNIDADE DOS EVANGÉLICOS NA PMPR

O Protestantismo na PMPR se faz presente através da Comunidade dos Evangélicos da Polícia Militar do Paraná – CEVAN/PMPR, criado em 15 Setembro de 1999, tendo como Presidente, à época, o Cel QOPM WALTER CARDOSO DE AGUIAR.

Trata-se de uma entidade civil, de caráter religioso, cristão-evangélico, sem fins lucrativos.

A CEVAN/PMPR é constituída:

I - Os policiais-militares e bombeiros-militares, lotados no Quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Paraná;

II - Por Núcleos Setoriais, que congregam os policiais-militares e bombeiros-militares, em nível de Batalhão de Polícia Militar *elou* Grupamento de Bombeiros sediados na Região Metropolitana de Curitiba - PR;

III - Por Núcleos Regionais, que congregam os policiais-militares *e/ou* bombeiros militares a nível de Batalhão de Polícia Militar *e/ou* Grupamento de Bombeiros, em todo o interior do Estado, sediados em cidades sedes destas Organizações Policiais Militares e Bombeiros Militares;

IV. Por grupos evangélicos, que congregam policiais militares *elou* bombeiros militares lotados na Região Metropolitana de Curitiba - PR, bem como nas cidades do interior do Estado, até o nível de Companhias Policiais Militares *elou* Subgrupamento de Bombeiros, sediados nos seus respectivos municípios.

As siglas de identificação serão formadas:

I. CEVAN/PMMPR, significando "Comunidade dos Evangélicos da Polícia Militar do Paraná";

II. NEVAN/PMMPR, significando, "Núcleo dos Evangélicos da Polícia Militar do Paraná", seguida da sigla ou expressão que identifique a respectiva cidade de origem do núcleo, acrescida ainda da sigla ou numeral do Batalhão de Polícia Militar *elou* Grupamento de Bombeiros;

III. GEVAN-PMMPR, significando, "Grupo dos Evangélicos da Polícia Militar do Estado do Paraná", seguida da sigla ou expressão que identifique a cidade de origem do grupo, acrescida, ainda, da sigla ou numeral do Batalhão de Polícia Militar *elou* Grupamento de Bombeiros.

A CEVAN/PMMPR tem por objetivo:

I. Congregar os Policiais-Militares e Bombeiros-Militares da ativa, inativos, funcionários civis da ativa e aposentados, bem como todos os seus familiares, para estudo e prática das atividades cristãs;

II. Difundir o Evangelho de Jesus Cristo aos Policiais-Militares, Bombeiros-Militares, aos civis no âmbito da Polícia Militar do Paraná, no Brasil e internacionalmente, conduzindo-os ao pleno exercício da fé cristã;

III. Estimular e motivar todos os seus associados a praticarem as instruções contidas na Escritura Sagrada, na epístola de 1 Tm, capítulo 2, versículos 1 e 2, que prescrevem:

1 Tm 2:1 “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens”;

1 Tm 2:2 “Em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito”.

IV. Realizar ações de cunho social e beneficente na comunidade visando:

a. proteção da saúde, da maternidade, da família, da infância e da velhice;

combate à fome e à pobreza;

divulgação da cultura e do esporte;

V. Assistir espiritualmente de acordo com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, a todos os integrantes da Corporação.

8 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

8.1 METODOLOGIA

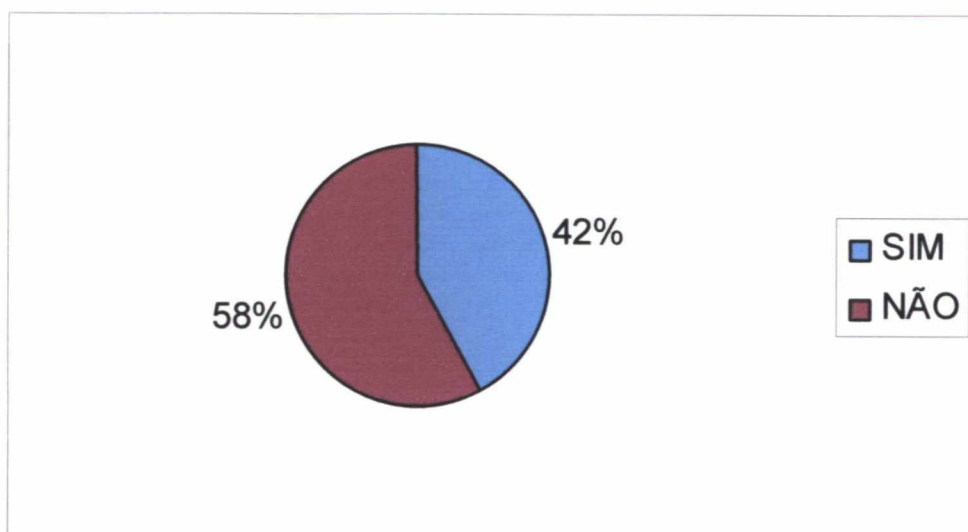
Para chegar-se aos aspectos norteadores deste trabalho, foram adotadas algumas ações de cunho metodológico:

O tema foi objeto de pesquisa com uma amostra de Oficiais e Praças das Unidades do CPC.

Foram aplicados questionários com perguntas fechadas a Oficiais e praças das unidades do CPC, para haver uma comparação da realidade nos dois níveis apresentados, bem como retratar uma amostra homogênea (todos os níveis, de acordo com seu percentual existente). A amostragem (público-alvo) escolhida será pertencente ao CPC, por haver grande concentração de oficiais e praças, delimitando o espaço geográfico à capital. (Anexo)

8.2 ANÁLISE DOS GRÁFICOS

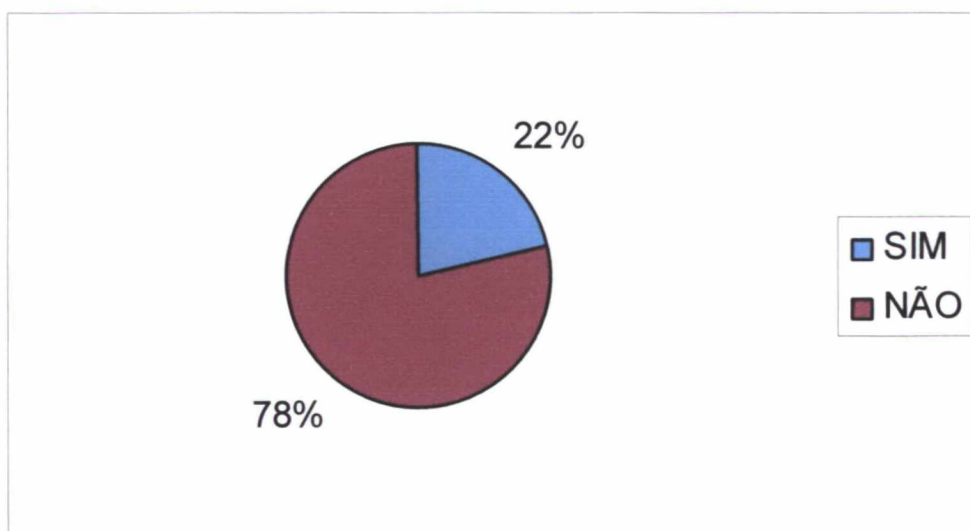
GRÁFICO 1 - A RELIGIOSIDADE CAUSA IMPACTO NA CONDUTA PROFISSIONAL



FONTE: Pesquisa de campo

Como podemos observar no gráfico acima, a maioria (58%) dos policiais-militares são de opinião que a religiosidade não influi na vida profissional.

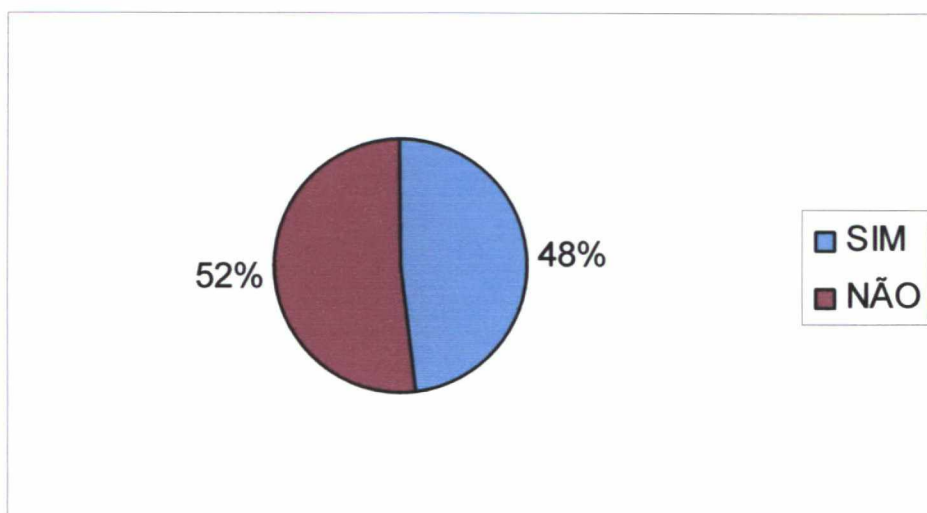
GRÁFICO 2 - A PRÁTICA RELIGIOSA EM RELAÇÃO À CONDUTA DOS MILITARES



FONTE: Pesquisa de campo

A grande maioria (78%) dos policiais são de parecer que a prática religiosa (missas e cultos), oficializada em dias e horários preestabelecidos, dentro dos quartéis, não traria qualquer prejuízo para a conduta dos militares.

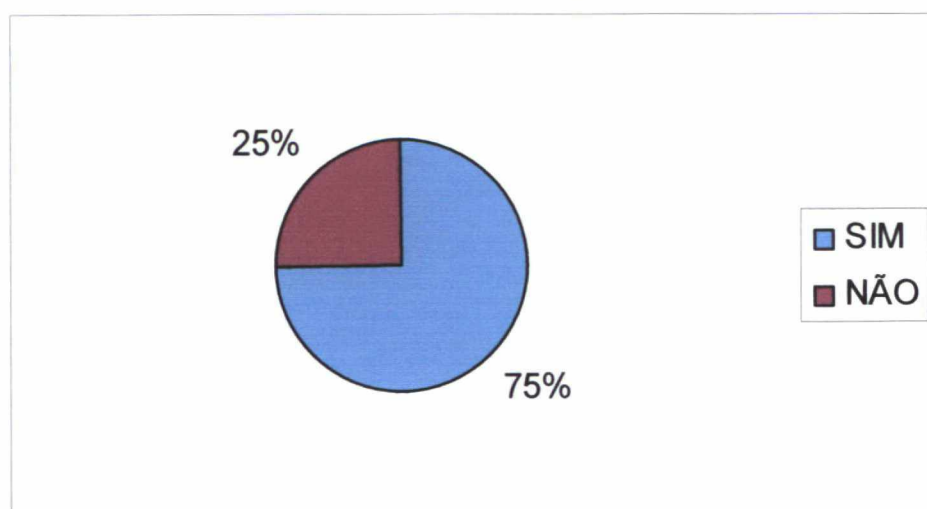
GRÁFICO 3 – CONHECIMENTO SOBRE A FILOSOFIA DOS CULTOS CRISTÃOS E AFRO-BRASILEIROS



FONTE: Pesquisa de campo

O gráfico exibido acima demonstra que praticamente metade dos policiais-militares desconhecem a filosofia dos cultos cristãos e afro-brasileiros.

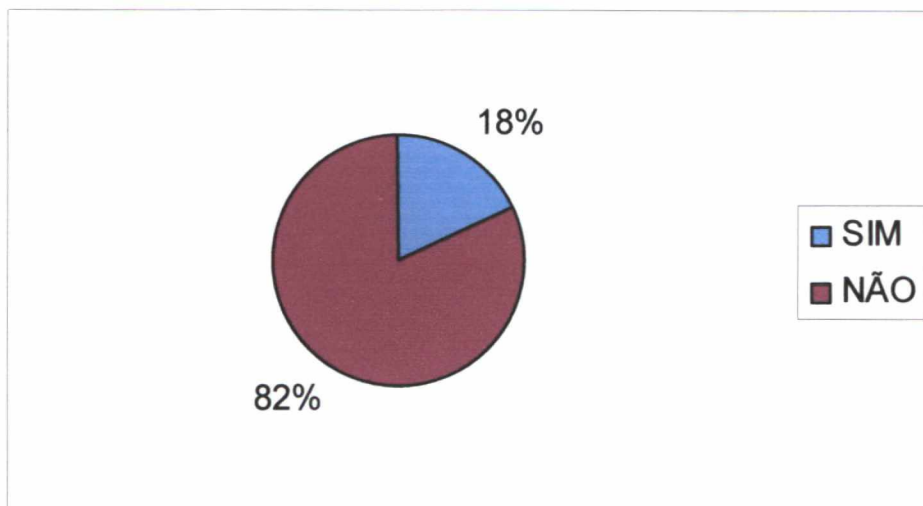
GRÁFICO 4 - A RELIGIOSIDADE É UMA NECESSIDADE AO POLICIAL MILITAR



FONTE: Pesquisa de campo

75% dos entrevistados responderam que a religiosidade, independente de culto, é uma necessidade ao policial-militar.

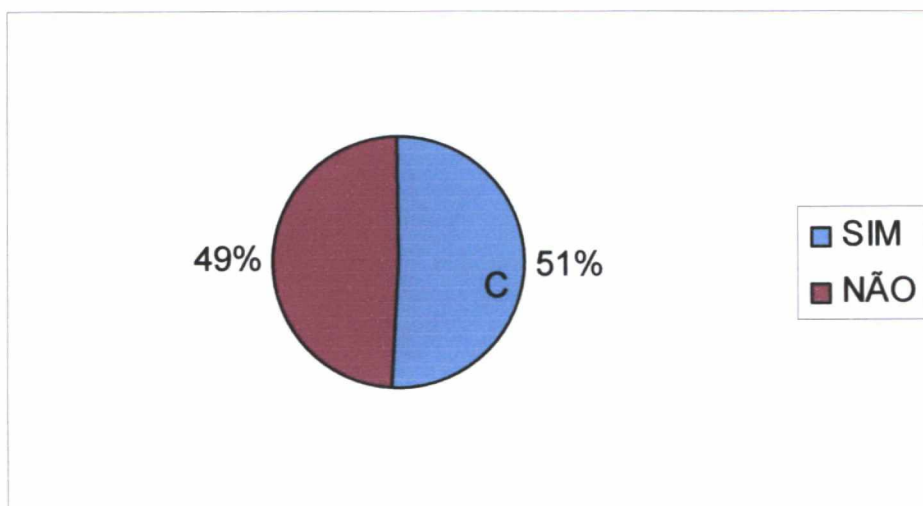
GRÁFICO 5 - JÁ ESTIVERAM PRESENTES EM ALGUM EVENTO CULTO AFRO-BRASILEIRO



FONTE: Pesquisa de campo

18% dos policiais militares já estiveram presentes em algum evento culto afro-brasileiro.

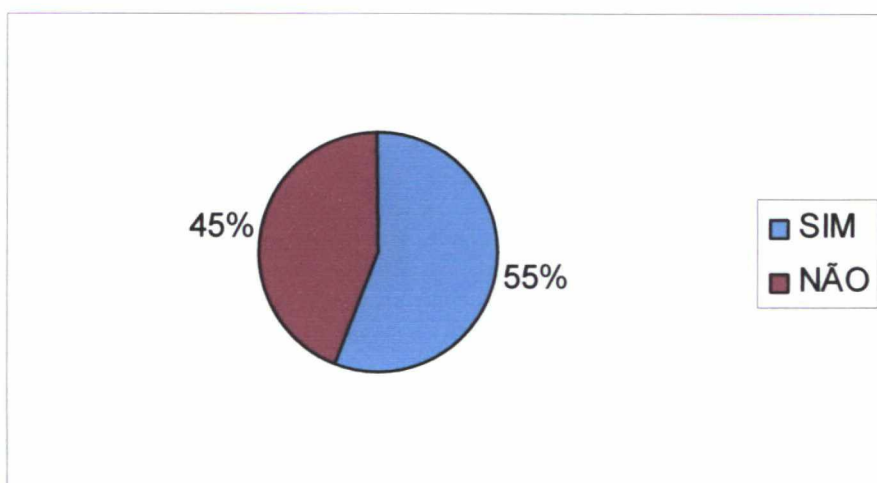
GRÁFICO 6 - VIABILIDADE DA INTRODUÇÃO E NORMATIZAÇÃO DOS CULTOS CRISTÃOS E AFRO-BRASILEIROS



FONTE: Pesquisa de campo

Metade dos policiais-militares acham viável a introdução e normatização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR.

GRÁFICO 7 - CONCORDAM COM A OFICIALIZAÇÃO
DOS CULTOS CRISTÃOS



FONTE: Pesquisa de campo.

A maioria dos policiais, ou seja, 55%, concordam com a oficialização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR, com a criação de capelarias próprias.

9 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para fins de enriquecimento deste trabalho científico, foram ouvidos Comandantes de Unidades do CPC, os quais deram os seguintes pareceres:

A respeito de sua opinião a respeito dos policiais se deixarem levar pela religiosidade, a ponto de causar impacto na conduta profissional, responderam que "isto não é comum, mas que o fanatismo, como todo extremo, é perigoso. O Sr. Ten-Cel João Jaime CABRAL, por exemplo, respondeu que "não, entendemos que os milicianos, de modo geral, têm um bom grau de discernimento, o suficiente para distinguir claramente entre o profissionalismo e a prática da religiosidade.

Perguntado se a prática religiosa (missas e cultos), oficializada em dias e horários preestabelecidos, dentro dos quartéis, traria algum prejuízo para a conduta dos militares, responderam que " em princípio não, pois toda prática religiosa induz a pessoa à retidão e à civilidade", informou o Sr. Ten-Cel RAMIREZ.

Questionados sobre seu conhecimento a respeito da filosofia dos cultos cristãos e afro-brasileiros todos dizem ter conhecimento a respeito. O Ten-Cel João Jaime CABRAL respondeu que "sim, os cultos afro-brasileiros são manifestações mais culturais que religiosas, que mistura elementos africanos, indígenas e da religião cristã (catolicismo). A influência dessas manifestações cultural religiosa (afro-brasileira) é mínima no âmbito da Corporação".

Indagados a dar opinião se a religiosidade, independente de culto, é uma necessidade ao policial-militar, os entrevistados foram unânimes em dizer que sim, pois o homem é um ser essencialmente religioso por natureza, e o policial-militar tem uma necessidade ainda mais acentuada pela peculiaridade de sua missão.

Com base no previsto na CF/88, (liberdade de culto), os entrevistados foram questionados sobre a viabilidade da introdução e normatização dos cultos cristãos e

afro-brasileiros na PMPR, ao que foram, os entrevistados, divergentes em suas opiniões, porém a maioria se diz favorável à criação de espaços ecumênicos destinados à religiosidade da tropa.

Finalmente, foi perguntado aos entrevistados, se concordam com a oficialização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR, com a criação de capelanias próprias, a exemplo das FFAA, ao que o Sr. Ten-Cel RAMIREZ, por exemplo, respondeu que "toda organização religiosa cria, via de regra, prática constante. Se adequada às realidades da PMPR, podem contribuir para o desenvolvimento religioso dos integrantes." A respeito do mesmo assunto, o Sr. Ten-Cel CABRAL respondeu que "concordamos em parte. A assistência religiosa no âmbito da Corporação é muito importante e está amparada pela Constituição, mas oficializar essa prática através de cultos, carece de um estudo mais aprofundado, para que tal prática atinja seus verdadeiros objetivos."

10 CONCLUSÃO E SUGESTÕES

10.1 CONCLUSÃO

Baseando-se em todo o conteúdo teórico pesquisado e aqui apresentado, bem como considerando as respostas dos policiais-militares ao questionário proposto, e ainda as respostas às entrevistas, chegamos à conclusão do presente trabalho.

Buscando o auxílio da pesquisa efetuada com policiais-militares das OPM do CPC, podemos verificar que todas as respostas vão no sentido da necessidade de assistência religiosa por parte do policial, sem qualquer distinção ou discriminação religiosa.

Buscando subsídio nas entrevistas realizadas com Oficiais Superiores do CPC, verificamos que existe, no nível de Comando, a preocupação em propiciar ao policial-militar a assistência religiosa.

A religiosidade tem o poder de levar o homem a prestar obediência, honra e submissão a Deus. Através da religiosidade, o homem passa a conhecer a Deus, bem como a explicação sobre a origem e para que fora criado.

O amor de Deus é que pode, por excelência, levar o homem a moderar seus impulsos naturais, fazendo-os convergir para o bem.

O exercício do aprendizado da palavra de Deus leva o ser a lutar, não apenas contra o pecado, mas pratica habitualmente o exercício de autodomínio, pois tendo a vontade fortalecida pode dizer não ao pecado e às condutas irregulares;

A religiosidade é fundamental para o crescimento moral e espiritual do homem; este tem em consciência a obrigação de esclarecer-se diante de Deus, de si mesmo, da sociedade, pois tais valores são decisivos à orientação da conduta humana;

O policial-militar, muitas vezes, passa por situações de conflito interno na

medida em que convive com a violência da sociedade, que pode levar muitas vezes à morte. Para enfrentar esta situação, há necessidade de um suporte não somente psicológico como também religioso.

As tentações oferecidas ao policial são de toda ordem, e neste momento ele precisa ter sedimentado na sua alma os princípios que norteiam os diversos cultos religiosos.

Diante de todo o exposto, concluímos, finalmente, que as práticas de cultos cristãos e afro-brasileiros, pela filosofia que pregam, baseados em amor, caridade, humildade, obediência, e temor a Deus, têm influências positivas sobre a tropa, pois sedimentam os princípios básicos da hierarquia e da disciplina.

10.2 SUGESTÕES

Visando subsidiar a Corporação, no sentido de proporcionar ao policial, a assistência religiosa necessária, de modo a confortá-lo e mantê-lo firme nos propósitos de bem cumprir sua missão, tanto no aspecto profissional, quanto no familiar, e também no pessoal, e com fulcro no dispositivo da Constituição Federal de 1988, que estabelece o direito à liberdade de culto, sugerimos:

- Ampliação, na PMPR, do quadro de Capelães, estruturado de acordo com as necessidades da Corporação, de modo que o serviço de capelania possa ser desenvolvido a contento, atendendo aos diversos cultos cristãos e afro-brasileiros, que sejam: católico, evangélico, espiritualista (kardecista), umbandista, candomblecista, entre outros;
- Viabilizar a prestação de serviço de Assistência Religiosa em todas as

Unidades da Corporação, não somente em atividades litúrgicas, mas também, através de ações proativas de Assistência Religiosa, de modo a auxiliar o policial-militar com tendência ou não à prática de desvios de conduta.

- Ampliações das atividades de assistência religiosa, abrangendo alguns aspectos, como convênios e contratos com instituições religiosas, além de criação de núcleos e realizações de reuniões, conforme se segue:

a) Convênios e parcerias com entidades religiosas

Tratando-se dessa necessidade, onde quer que exista um quartel ou mesmo uma companhia ou destacamento, sempre haverá nas proximidades uma entidade religiosa responsável pela assistência naquele local que, para o cumprimento de sua missão, sempre estará pronta para atender uma convocação. Não se pretende aqui reportar-se à religião A, B ou C, mas ao fato de que qualquer instituição religiosa com a qual se mantenha um laço de vinculação para efeito de assistência religiosa, estará contribuindo, na sua forma elementar de exercício da religião, para a melhoria do comportamento do policial militar.

Essa convocação pode ocorrer em face das disponibilidades de cada local, tanto no aspecto das religiões existentes, como daquilo que dispõe a Polícia Militar para a execução desse ideal, sendo aqui apresentada algumas formas:

- Reuniões periódicas - O capelão (desde que exista) ou o responsável escolhido, dentro de cada culto religioso (policial-militar que exerça liderança religiosa perante seus irmãos de crença), procura manter

contatos com as lideranças religiosas locais e com os respectivos comandos de Unidades, acertando-se datas de formaturas para uma palestra rápida e informal, local onde apenas são enfocados os eventos atrativos que serão apresentados por ocasião de reuniões, mostrando-os de forma convidativa..

A participação deve ser voluntária às reuniões, as quais serão dirigidas pelas lideranças credenciadas, podendo ser semanais ou mensais, de acordo com a viabilidade de cada local, sendo realizadas em templos fora do quartel ou mesmo dentro de uma dependência do quartel, se não houver templo.

Essas práticas já são desenvolvidas em alguns lugares por católicos, por evangélicos e, mais raramente, por espíritas, ficando as solenidades com caráter religioso formalistas, até um completo processo de adaptação cultural, para os eventos que sejam mais de caráter social.

Existe a expectativa, pela falta de costumes, do não comparecimento do efetivo, funcionando então a persistência em sempre anunciar, nas formaturas, os resultados da reunião anterior e os eventos previstos para a próxima reunião, o que fará com que a necessidade religiosa do homem, mesmo sem comparecer, vá sendo despertada, abordando-se aqui o aspecto teológico que diz: "A fé vem do ouvir a palavra de Deus", o que irá induzindo à participação dos policiais-militares e dependentes.

O importante é que o policial-militar veja isso como uma cultura reconhecida naquele local e que aos poucos vá adaptando-se, a ponto de decidir aderir à prática e conduzir sua família àquele convívio.

b) Criação de Núcleos de Assistência religiosa autorizados

Grande quantidade de grupos religiosos manifestam interesse em práticas religiosas dentro dos quartéis, sejam católicas, evangélicas ou afro-brasileiras. São freqüentadores, também, líderes credenciados em suas respectivas religiões, como obreiros, diáconos, auxiliares e irmãs cooperadoras, que são policiais-militares, os quais apresentam condições, atribuídas pelas suas religiões, para a direção de trabalhos em pequenos grupos.

REFERÊNCIAS

- BACKES, Walmor. **A importância da religião para o policial militar.** (2003). Disponível em <<http://umesc.com.br/revistas/umescJorn2/page2.htm>> Acesso em 06 Out 2004.
- BASTIDE, Roger. **Sociologia de la enfermedades mentales.** 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1978.
- BLAKE, Charle. **Bíblia de Estudo Plenitude.** Berueri. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.
- DELUMEAU, Jean. **As grandes religiões do mundo.** São Paulo: Presença, 1997.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões,** São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- FERREIRA, Vicente Vilemar et al. **Ética profissional, ética policial militar e espírito de corpo.** Rio de Janeiro: ESPM, trabalho técnico profissional. Niterói, 1985.
- PINTO, Jayme Trindade et al. **A influência da religião na instituição policial militar.** Trabalho técnico profissional (CAO), Rio de Janeiro, 2002.
- RICO, José Maria e SALAS, Luís. **Delito, insegurança do cidadão e polícia.** Rio de Janeiro: Novas Perspectivas PMERJ, 1992.
- SCHWARZ, Fernand. Et al, ELIADE, Mirceal. **O reencontro com o sagrado.** São Paulo: Saraiva, 1993.
- Histórico da Capelania - Culto Católico (1960), Curitiba –PR
- Estatuto da Comunidade dos Evangélicos da Polícia Militar do Paraná - CEVAN/PMPR (1999)
- Jornal da Bahia, de 3 de maio de 1855

ANEXOS

**QUESTIONÁRIO A SER APLICADO A OFICIAIS E PRAÇAS DA
CORPORAÇÃO (CPC).**

1. Na sua opinião os Policiais Militares se deixam levar pela religiosidade, à ponto de causar impacto na conduta profissional?

() Sim

() Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

2. A prática religiosa (missas e cultos), oficializada em dias e horários pré-estabelecidos, dentro dos quartéis, traria algum prejuízo para a conduta dos militares?

() Sim

() Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

3. O senhor conhece a filosofia dos cultos cristãos e afro-brasileiros?

() Sim

() Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

4. Na sua opinião a religiosidade, independente de culto, é uma necessidade ao policial militar?

- () Sim
- () Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

5. Na qualidade de policial militar, o senhor já esteve presente em algum evento culto afro-brasileiro?

- () Sim
- () Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

6. Diante do previsto na CF/88, o senhor acha viável a introdução e normatização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR?

- () Sim
- () Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

7. O senhor concorda com a oficialização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR, com a criação de capelarias próprias, a exemplo das FFAA?

() Sim

() Não

Comente:

.....
.....
.....
.....

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS A SEREM REALIZADAS COM COMANDANTES DE UNIDADES DO CPC, PADRES DA CAPELANIA PM E DO EXÉRCITO BRASILEIRO, PASTORES DA CEVAN-PMPR, SACERDOTES AFRO-BRASILEIROS E POLÍCIAIS MILITARES DAS UNIDADES DO CPC.

- 1- Na sua opinião os Policiais Militares se deixam levar pela religiosidade, à ponto de causar impacto na conduta profissional.
- 2- O senhor conhece os cultos afro-brasileiros? Poderia emitir opinião sobre sua influência no meio social miliciano.
- 3- Na sua opinião a religiosidade, independente de culto, é uma necessidade ao policial militar?
- 4- Diante do previsto na CF/88, o senhor acha viável a introdução e normatização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR?
- 5- O senhor concorda com a oficialização dos cultos cristãos e afro-brasileiros na PMPR, com a criação de capelarias próprias, a exemplo das FFAA?